

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA

GEYSA PINTO MUNIZ

LIBERDADE NOSSA ÁFRICA:

De Matadouro à Quilombo Urbano.

SÃO LUIS

2018

GEYSA PINTO MUNIZ

LIBERDADE NOSSA ÁFRICA:

De Matadouro à Quilombo Urbano.

Monografia apresentada ao Curso de História
Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão
para o grau de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. José Henrique de Paula Borralho.

SÃO LUIS

2018

GEYSA PINTO MUNIZ

LIBERDADE NOSSA ÁFRICA:

De Matadouro à Quilombo Urbano.

Monografia apresentada ao Curso de História
Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão
para o grau de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. José Henrique de Paula Borralho.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Henrique de Paula Borralho (Orientador)

Universidade Estadual do Maranhão

Examinador 1

Examinador 2

Dedicado a:

*José André Costa Muniz, Rosa Costa Muniz,
Constantino Dominice Pinto e Romana Joana Souza Pinto;*

Minha inspiração começa em vossas histórias!

AGRADECIMENTOS

Porque Dele e por Ele, para Ele são todas as coisas! (*Romanos 11:36*)

Ele é antes de todas as coisas, e Nele tudo subsiste! (*Colossenses 1:17*)

Eu te agradeço D-us por se lembrar de mim, por me ensinar a sonhar e a não desistir enquanto não alcançar o que sonhamos juntos. Eu não sei falar nada no singular: “*Quando estou contigo, as flores são mais belas, faz do preto e branco uma aquarela, tudo fica bem melhor, vivo muito mais, Te entrego minhas guerras e recebo Tua paz*”. Nos dias mais tensos, a certeza de não estar sozinha me fez respirar fundo e continuar (mesmo quando a vontade era o oposto)!

Agradeço a minha família por tudo que fizeram; em especial a minha mãe **Dalva**, por acordar cedo junto comigo, ou pelo barulho que eu fazia e tudo o mais que fez; a minha irmã **Jéssica**, por “quebrar galhos”, me ouvir e ajudar em tudo o que pôde (*histórias, nossas histórias, dias de luta, dias de glória*), e também a minha prima **Dalirys**, em quem descobri uma amiga, ouvinte e conselheira, e ao meu pai **José Luís**, mesmo à distância, presente. **Família**, vocês me impulsionaram a ir mais longe, e nem imaginam o quanto!

Faço um agradecimento mais que merecido e especial a **Nilde, Francisca, Maria das Neves, Sandra, Antônia Rosa (Caxuxa), Edlene, Waldenê e Regina**, os gestores de toda minha trajetória escolar.

Sou grata e sempre serei a **TODOS** os *Professores* que passaram pela minha vida! Sim, da Educação infantil à Graduação. Há um pouco de cada um de vocês na minha formação. E por falar em Professores... *Rosenir Melo*, eu nem tenho palavras para agradecer o cuidado comigo para além da relação professor – aluno. *Laura Reis*, a primeira vez que “prestei atenção na aula de História” foi com você. Obrigada *Rozângela Castro*, sem palavras para expressar tudo que você representa. “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”.

“*Enquanto houver você do outro lado, aqui do outro eu consigo me orientar*”, obrigada com todas as forças e de todas as formas por me ajudar a realizar meu sonho. Pois quando eu escolhi a História e descobri nela a minha vocação, foi por ter tido um excelente referencial. Portanto, *Denize Mota, Minha Professora, Minha Amiga*... “Só enquanto eu respirar, vou me lembrar de Você”!

Agradeço a todo Corpo Docente da UEMA, em especial à *Viviane Oliveira Barbosa*, com quem iniciei essa pesquisa, grata por cada ajuda e orientação; *Henrique Borralho*, obrigada por me aceitar como orientanda na fase final deste processo. E aos professores *Ana Livia*, *Fábio Henrique*, *Marcelo*, *Yuri*, *Ximendes* e *Carine*, minha gratidão!

Um agradecimento especial aos funcionários da UEMA, de todos os setores, que me auxiliaram desde a minha entrada até hoje: *Dona Roberta*, *Thamires*, e toda equipe da Secretaria; *Lauísa*, *Reyjane* e *Rose*, as bibliotecárias que viraram verdadeiras amigas. *Tia Concita*, *D30* e *Flávia*, obrigada por aliviarem as minhas manhãs e tardes de tanta pressão!

Há uma canção que diz que *é sobre saber que em algum lugar alguém zela por ti*, e essas pessoas são os amigos mais que especiais com os quais fui agraciada, por isso o meu agradecimento sincero a *Jannifer Silva*, *Claudia Nyanne*, *Sâmara Correa* e *Ana Luíza*, o quarteto que segurou a barra e fortificou o meu coração nos dias mais tensos e compartilhou comigo momentos de extrema alegria. **Gratidão Meninas!**

Obrigada também a *Joy Peterson (in memoriam)*, *Angela Alves*, *Brenda Rayanna*, *Sheyla Raquel*, *Miriam*, *Cristiane*, *Daianny*, *Andrea Lorena*, *Bruna Soares*, *Jhene*, *Paulo Ricardo*, *Jhonata* e *Welington*, cada um à sua maneira foi de grande ajuda.

Não posso deixar de agradecer a quatro mulheres bem especiais, que por diversas vezes e razões me receberam (**e muito bem**) em suas casas, o que contribuiu de maneira bem significativa para que eu conseguisse chegar até aqui: *Maria Cunha*, *Marizete Freire*, *Fátima Correa* e *Aparecida Lima* ♥, um imenso obrigada!

William Shakespeare tem uma frase que foi muito significativa para mim ao longo da graduação: *Sendo o fim doce, que importa que o começo amargo fosse?* Eu não tive um bom início de graduação, por uma série de motivos, tranquei o curso por quase dois anos, mas na volta, deparei-me com pessoas de grande valor, para as quais vai o meu sincero agradecimento. São estas: *Crysthian*, *Camila*, *Caio Alexandre*, *Alberto*, *Thais*, *Iasmim*, *Reylton*, *Arnold*, *João Pedro*, *Claudienne*, *Luzilene*, *Flaviana*, *Liana*, *Osmarina*, *Ana Paula*, *Saulo*, *Flávia Cristina*, *Gabryelle*, *Vanessa*, *Alda (cada acorde cantado foi um fôlego para minha alma no momento mais turbulento desta caminhada)*, *Rocleuton*, *Israel*, *Malu*, *Denílson*, *Sâmia*, *Darly*, *Lucas Parreão* e *Diogo*. Além destes, agradeço ao meu amigo *Honilton*, pela companhia, força e ideias, e de maneira mais que especial, *Verônica*, você me inspira e muitas vezes foi a responsável por me fazer continuar. Agradeço também a todas as *Quitérias da História*. Muito obrigada, vocês todos certamente serão da UEMA para a vida!

Agradeço pela contribuição de cada entrevistado, cada morador do Bairro da Liberdade, que se disponibilizou a me receber; bem como a cada pessoa que contribuiu para que essa pesquisa se efetivasse, são estes: *Adelmo Mota, André Ramos, Artur, Ana Valéria Lucena* (sua ajuda foi fundamental), ao Analista Técnico do IBGE, *João Ricardo* (quanta paciência para sanar dúvidas e auxiliar na elaboração de gráficos) e ao *Vereador Cezar Bombeiro*.

(*P.G.C.D.*; todos os esforços para chegar até aqui, também foram para e por vocês, desculpem as ausências).

Eu precisaria de bem mais que um parágrafo para *te* agradecer por tudo, desde a sua existência até por estes últimos meses, suas atitudes só demonstram a nobreza do seu coração! *You're my Flashlight, Daydson Soares*, acho que isso explica muita coisa. De 2005 até sempre. **Maktub!**

[...] Todo povo que vive ali, traz uma história para contar [...].

Liberdade, meu quilombo cidade [...]

É aonde eu encontro minha felicidade.

(Paulinho Akomabu)

RESUMO

O Bairro da Liberdade é um dos mais antigos da cidade de São Luís. Geralmente é veiculado na mídia por questões relacionadas à violência, desigualdade social, mas também por ser berço de muitas manifestações culturais. Surgiu ainda no início do século XX, numa pequena área chamada de Campina e com a chegada do Matadouro municipal à localidade, o bairro passa a se chamar de Campina do Matadouro. Em 1967, na gestão do Prefeito Epitácio Cafeteira, há a transição do nome, de Matadouro, torna-se Liberdade. No ano de 2010, durante o período do Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, notou-se que a população residente no Bairro, é em sua grande maioria negra, e nos questionários aplicados pelos recenseadores, grande parte se declarou preta/parda, segundo a denominação utilizada pelo IBGE. Atualmente, a comunidade busca o reconhecimento do bairro como quilombo urbano, devido a características presentes na comunidade e pela luta de grupos militantes em prol da preservação da identidade negra.

Palavras-chave: Liberdade, Matadouro, Censo, Negros, Quilombo Urbano.

ABSTRACT

The Freedom neighborhood is one of the oldest in the City of São Luis. It is usually broadcast in the media for problems related to violence, social inequality, but also to be the cradle of many cultural manifestations. It also emerged in the early 20th century, in a small area called Campina and the with the arrival of the municipal slaughterhouse to the locality, the neighborhood is called Campina the Slaughterhouse. In 1967, in the management of the Mayor Eptácio Cafeteira maker, there is the transition of the name, from Slaughterhouse, becomes Freedom. In the year 2010, during the period of the Demographic Census conducted by the Institute of Geography Statistics, it was noted that the population residing in the neighborhood is mostly black, and in the questionnaires applied by the enumerators, much of it was declared black/brown, according to the name used by IBGE. Currently, the community seeks recognition of the neighborhood as an urban quilombo, due to characteristics present in the community and the struggle of militant groups for the preservation of black identity.

Key-words: Freedom, Slaughterhouse, Census, Blacks, Urban Quilombo.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	11
2. SURGIMENTO E HISTÓRIA	14
2.1 A problemática da ocupação espacial socioeconômica de São Luis	14
2.2 Origem e desenvolvimento do Bairro da Liberdade	18
3. FORMAÇÃO POPULACIONAL	27
3.1 A identificação racial	27
3.2 A legalização do território	39
4. LIBERDADE, QUILOMBO URBANO	41
5. CONCLUSÃO	50
REFERÊNCIAS	52

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho demonstrar-se-á o processo do surgimento do Bairro da Liberdade, que segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010) possui uma população que chega quase a 20.000 pessoas, cuja grande maioria é negra. O Censo Demográfico é a mais complexa operação estatística realizada por um País, quando são investigadas as características de toda a população e dos domicílios do Território Nacional.

Os Censos Demográficos, por pesquisarem todos os domicílios do País, constituem a única fonte de referência para o conhecimento das condições de vida da população em todos os municípios e em seus recortes territoriais internos – distritos, subdistritos, bairros e classificação de acordo com a localização dos domicílios em áreas urbanas ou rurais. No início da década de 1960, o bairro deixa de se chamar Matadouro e passa a se chamar Liberdade, e esse é um dos pontos principais da história dessa localidade.

Para resgatar um pouco da memória desse momento de transição e o que ele acarretou para o bairro e seus moradores, opta-se por recorrer a relatos de moradores mais antigos. A categoria “morador antigo” goza de prestígio [...] não apenas pelo fato destes se auto definirem como uma espécie de guardiões das histórias dessa região. O ser “morador antigo” traz em si outro critério de classificação: “o ser gente conhecida” (FERREIRA 2012, p.123). É como conferir-lhes grande honra o fato de serem ouvidos e serem agentes ativos que participaram e participam da história do bairro. E quase sempre em seus discursos se faz presente o sentimento de orgulho, o saudosismo e a emoção.

Dentro do trabalho do historiador, a operação historiográfica possui a particularidade de estar falando de um domínio e de um lugar ao praticar a investigação. É em função desse lugar, a instituição, que se instaura a rede de interesses dentro de uma pesquisa. O historiador possui como sua função dar voz ao não dito (CERTEAU, 2007). E esse é um dos desafios dessa pesquisa, que faz amplo uso da oralidade.

Justifica-se essa análise do surgimento, da história e da formação do bairro por questões sociais, bem como pelo fato de manter viva a identidade e a memória dos moradores, e ainda servir de subsídio para futuras pesquisas que objetivem estudar o bairro, preenchendo as lacunas decorrentes da pouca bibliografia e produção historiográfica.

Busca-se no primeiro capítulo, contribuir com o entendimento da origem do Bairro da Liberdade. Com a mudança do Matadouro Municipal para a região localizada na região central da cidade de São Luís, o atual Bairro da Liberdade, antes de assim ser conhecido, era conhecido como Bairro do Matadouro (CORREA, 2004). No dia 17 de maio de 1967, o então Prefeito da cidade de São Luís Eptácio Cafeteira Afonso Pereira, batiza a região pelo nome de Bairro Campina do Matadouro, conforme o Diário Oficial da União em 25 de maio de 1967.

Antes de se adentrar ao conteúdo referente à ocupação espacial do bairro da Liberdade, é feita uma discussão sobre a problemática da ocupação espacial socioeconômica da cidade de São Luís, algo baseado no processo de industrialização da cidade de São Luís, causando um grande impacto territorial de demográfico com o surgimento de novas ocupações habitacionais, além disso, a definição espacial da cidade se deu de acordo com sua evolução econômica, social e política, com distribuição de investimentos e planejamentos urbanos para determinados bairros e outros não.

No que se refere a origem e desenvolvimento do Bairro da Liberdade, é feita uma introdução ao conteúdo sobre o mito da fundação francesa da cidade de São Luís e a ocupação territorial e colonização direta dos portugueses no Maranhão, onde também é abordado sobre o início do processo de urbanização da então cidade de São Luís, através do processo migratório de várias famílias para a capital dando início a formação de inúmeros bairros de São Luís, dentre eles, o Bairro da Liberdade.

No segundo capítulo, trata-se da formação populacional do Bairro da Liberdade. O primeiro tópico deste capítulo faz uma abordagem sobre a identificação racial de seus moradores, para isso, antes é feita uma retomada histórica e geográfica à nível de Brasil, Maranhão e São Luís, sobre esta temática com base no Censo Demográfico de 2010. Vale salientar que o Bairro da Liberdade é caracterizado por uma concentração populacional remanescente de quilombos, daí sua caracterização enquanto um bairro negro contrastando com uma comunidade quilombola ou um quilombo urbano, onde boa parte da população tem suas raízes especialmente no município de Alcântara/MA e outras regiões da baixada ocidental maranhense.

Em outro tópico sobre a legalização do território onde está localizado o Bairro da Liberdade, é falado sobre a questão da regularização fundiária como uma forma de tentar

solucionar os casos de irregularidade ligados à habitação, além de promover a inclusão social e urbanística dessa população passando da barreira ilegal para a legal.

Quando falado sobre o Bairro da Liberdade enquanto um Quilombo Urbano, visando dar mais embasamento e colaborar para com um resgate histórico da comunidade em questão, é feita uma consulta aos moradores mais antigos do bairro, por meio de entrevistas orais, a fim de melhor compreender o processo de formação do Bairro da Liberdade por meio de conhecimentos, experiências e manifestações através dos valores culturais de cada um deles. Neste capítulo também é falado sobre movimentos sociais e de resistência do bairro da liberdade que buscam melhores condições para a comunidade periférica estudada.

2. SURGIMENTO E HISTÓRIA

2.1 A problemática da ocupação espacial socioeconômica de São Luís

No que se refere à construção geográfica da sociedade ludovicense, está se deu por intermédio de um sistema de localizações e distribuições engendradas pela lógica do capital, Frans Gistelinck¹ expõe que os contrastes gritantes entre a classe dominante, vivendo em opulência, e a maior parte da população, na miséria e marginalizada, são sinais evidentes de distorções profundas da nossa sociedade.²

Não se pode negar também, a presença da especulação imobiliária, referente à valorização e desvalorização de determinados espaços, definidos pelo sistema mercantil, objetivando o benefício por meio de “regalias” para determinados grupos sociais, culminando na distinção entre o público e privado e promovendo um processo entre lutas de classes. Rosa Moura³ e Clovis Ultramari⁴ explicam que este processo faz com que o solo deixe de ser simplesmente a base física para a construção da casa, e abre caminho para que prevaleça a lógica do lucro, ampliando a segregação social na cidade.⁵ Com o processo de industrialização na cidade de São Luís, houve um grande impacto causado pelo crescimento demográfico da cidade, fazendo surgir novas ocupações habitacionais, e tendo seu espaço urbano definido de acordo com sua evolução econômica, social e política.

Este processo de industrialização também corrobora para com a ratificação dos movimentos contraditórios da cidade, que acaba sendo definido pelo caráter social das formas espaciais bem como pelos aspectos culturais da população. As diferentes classes e frações de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social, mas, conforme seus interesses.⁶

¹ Grande pesquisador belga que tem estudos sobre a relação de franceses com índios tupinambás no Maranhão.

² GISTELINCK, 1988, p.29.

³ Geógrafa pela USP, doutora em Geografia pela UFPR. Bolsista Profissional Sênior na Diretoria de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais (Dirur), do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) - Subprograma de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD). Pesquisadora do Observatório das Metrópoles, projeto As Metrópoles e o Direito à Cidade, INCT-CNPq, Núcleo RM Curitiba. Atuou como pesquisadora do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) entre 1991 e 2013.

⁴ Arquiteto. Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal do Paraná (2001). Professor permanente junto ao Programa de Pós-graduação em Gestão Urbana, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná e ao Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, da Universidade Federal do Paraná. Projetos de pesquisa e temas de interesse: Aspectos epistemológicos do urbano, Gestão Urbana, Grandes Projetos Urbanos; Circulação de Ideias no estudo das Cidades, Literatura e Cidade.

⁵ MOURA; ULTRAMARI, 1996, p.28.

⁶ BOURDIEU, 1990, p. 126.

Vale salientar que a construção da cidade e do espaço desta, está diretamente atrelada ao processo de acumulação. Segundo Karl Marx⁷, o concreto é concreto porque a é síntese de múltiplas determinações, isto é, unidade do diverso.⁸ Geograficamente pode-se dizer que a cidade representa múltiplas determinações extremamente contraditórias, que se manifestam por meio da segregação espacial, social, econômica e étnica.

Segundo Oliver Dollfus⁹, a análise de uma paisagem urbana é igualmente denunciadora de sua história e de suas condições de desenvolvimento, o peso do passado na organização do espaço urbano contemporânea.¹⁰

Na realidade, a análise da problemática de urbanização reflete a evolução do modo de produção característico do sistema industrial capitalista, trata-se da reafirmação da luta de classes em que as camadas mais humildes ficam com o ônus da tributação, sem direito ao bônus destes. (DOLLFUS, 1991, p. 25)

No que se refere à cidade de São Luís, a problemática urbana é atrelada de forma direta ao processo de industrialização ocorrido aqui, colaborando também com o desenvolvimento do comércio local. Isso fez com que houvesse uma espécie de inchaço populacional aumentando o número de ocupações desordenadas na cidade, e conseqüentemente, o índice de criminalidade e investimentos públicos, mesmo que esses atendam somente uma pequena parcela da população local.

Mesmo que hoje a cidade de São Luís apresente certo “*progresso urbano*”, este não reflete uma infraestrutura suficiente com qualidade que venha suprir as necessidades da população. Isso se dá pelo fato de que, dentro de um mesmo espaço urbano, há duas realidades distintas no setor socioeconômico que vai desde projeções arquitetônicas à *casebres*¹¹ e *palafitas*¹² e à concentração de pessoas e equipamentos.

A divisão territorial das relações sociais de trabalho na cidade de São Luís se dá por intermédio da dicotomia existente no espaço, que é expressa nos costumes, valores e

⁷Karl Marx foi um filósofo, sociólogo, jornalista e revolucionário socialista. Nascido na Prússia, mais tarde se tornou apátrida e passou grande parte de sua vida em Londres, no Reino Unido.

⁸ MARX, 1857, p.122.

⁹Olivier Dollfus é um geógrafo francês, especialista em geomorfologia e interessado em temas relacionados ao "sistema-mundial" e colabora com muitos especialistas em outras disciplinas, como a agronomia, tornando assim seu trabalho muito amplo.

¹⁰ DOLLFUS, 1991, p. 18.

¹¹Pequena casa, rústica, sem conforto ou em ruínas.

¹²Chamam-se genericamente de palafitas sistemas construtivos usados em edificações localizadas em regiões alagadiças cuja função é evitar que as casas sejam arrastadas pela correnteza dos rios.

códigos morais das diversas comunidades, onde um mesmo espaço acaba sendo dividido em múltiplos outros espaços.

Esta multiplicidade de espaços presente na cidade de São Luís é apresentada por meio de diversas formas espaciais construídas dentro de um espaço maior, que também sofre influência de conteúdos sociais. Com isso, a caracterização dos bairros se dá com base na sua dinâmica e conteúdo social, econômico e político. Um exemplo dessa manifestação de cenários distintos de realidades socioeconômicas na cidade de São Luís pode ser visto através do significado de algumas categorias para os moradores do Bairro do Renascença (enquanto elite) e do Bairro da Liberdade (enquanto periferia).

Enquanto no Bairro do Renascença, há todo um planejamento urbanístico com base em uma ampla infraestrutura com: hospitais, universidades, grandes centros e corporações comerciais e prédios modernos que caracterizam seu espaço progressivo e moderno, o bairro da Liberdade é posto no quadro de periferia urbana da cidade de São Luís por refletir um espaço que teve origem a partir de uma ocupação desordenada ocorrida durante o período de implantação de grandes projetos industriais/tecnológicos como, por exemplo, o Centro de Lançamento de Alcântara (CLA) e a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), e a chegada de pequenas indústrias na capital.

Isso fez com que o território Ludovicense fosse fortemente marcado pelo processo migratório de famílias expulsas de suas terras, por conta da criação e implementação desses projetos, que foram grandes responsáveis pela ocupação desordenada deste espaço, já que, até então, a cidade de São Luís não tinha uma estrutura para receber de forma digna esta população. Logo, o impacto causado por esse processo migratório, além de gerar uma espécie de inchaço urbano, trouxe consigo vários problemas sociais, como: desemprego, miséria, fome, submoradia e principalmente a violência. “*A violência é consequência das migrações, da inchaço das cidades, das desigualdades gritantes*”(GISTELINCK, 1988, p.151).

Vale salientar que o processo de formação dos bairros pobres em São Luís, esteve sempre ligado ao contexto socioeconômico, pois, pode-se afirmar que a formação dos bairros populares em nações pobres emergentes, se dá, geralmente, por conta do processo de industrialização e mercantilização do espaço urbano promovendo assim, a delimitação de um caráter micro ou macro de exclusão social.

Pode-se perceber que a dinâmica urbana da cidade de São Luís, se deu por meio de segmentações, conflitos e incoesões políticas interurbanas. Dessa forma, pode-se também

destacar que o “desenvolvimento” e crescimento urbano de São Luís, foi desenvolvido graças a aplicação de grandes projetos tecnológicos e industriais implementados no Maranhão, pautados em um conjunto de interesses econômicos que regem as regras da construção do espaço urbano na capital maranhense, a fim de beneficiar o mercado, acarretando em problemas como as dificuldades de habitação e desagregação social e cultural.

O “desenvolvimento” proporcionado por esses projetos tem como objetivo principal, o crescimento econômico que venha gerar benefícios a pequenos grupos sociais ou alguns países ricos, restando assim para a periferia, apenas o trabalho suado e mal remunerado, a natureza degradada e a desorganização social e cultural. A ambição por parte dos políticos maranhenses, fez com que as questões sociais se agravassem cada vez mais em especial, por conta do fascínio destes pela riqueza, fazendo com que os investimentos destinados para a solução de problemas na educação, trabalho e saúde, fossem revestidos em obras arquitetônicas, aumentando o contraste da desigualdade e concentração de renda.

Isso colaborou para o dinamismo urbano presente na cidade de São Luís, onde há um desprendimento do agrário e pondo em evidencia a construção dos conjuntos habitacionais. O crescimento econômico industrial de São Luís, não é algo voltado para o bem social:

Mesmo que a economia cresça e se globalize, se os serviços públicos não acompanharem esse crescimento, dificilmente se verá uma cidade harmônica. Estará exposta uma cidade com demandas reprimidas, com serviços e infraestrutura saturados e insuficientes. Uma cidade aberta ao mundo, porém dividida em partes desiguais. (MOURA; ULTRAMARI, 1996, p.53)

Houve um grande descompasso no “desenvolvimento” de São Luís, por conta dos projetos industriais implementados no Maranhão, gerando características distintas no aspecto socioeconômico das classes populacionais e construção territorial, onde a cidade é caracterizada com base nas transformações dos implementos industriais.

Segundo Álvaro Luiz Heidrich¹³, a participação diferencial das pessoas no espaço social faz pensar que a vida social está sendo realizada não apenas permeada por contradições

¹³Bacharel em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1980), Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1985) e Doutor em Ciências (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1998). Professor Associado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisa e ensino em Geografia, ênfase em Geografia Humana, atuando principalmente nos seguintes temas: geração e perda de vínculos territoriais, territorialidades humanas, identidade e globalização.

sociais, mas por meio de distintas espacialidades.¹⁴Essa diferenciação espacial entre a cidade e os olhos da sociedade é a responsável pela segregação cultural, social, territorial e econômica.

2.2 Origem e desenvolvimento do Bairro da Liberdade

O início da ocupação europeia do território da atual cidade de São Luís nos remete ao fim do século XVI e início do século XVII, período da chegada de embarcações vindas da França. De acordo com Maria de Lourdes Lauande Lacroix¹⁵:

Os franceses tentaram estabelecer nestas terras a chamada França Equinocial, uma frustrada tentativa de instituir uma colônia no norte do Brasil, cuja extensão não se resumiria à Ilha do Maranhão. Pela iniciativa do reconhecimento do continente até o Amazonas, presume-se a grande extensão pretendida por eles para sua futura colônia. (LACROIX, 2008, p. 39)

Mesmo não alcançando seu objetivo principal, os franceses liderados por Daniel de La Touche¹⁶ “fundaram” a cidade de São Luís em 1612. O discurso por trás da fundação da cidade de São Luís pelos franceses se deu a partir do final do século XIX, propagado pela elite intelectual na cidade. O contexto do Maranhão, nesse período era de decadência e marasmo socioeconômico, logo, criou-se o mito da fundação francesa a fim de fazer com que a população local tivesse orgulho de seu passado.

Maria de Lourdes Lauande Lacroix explica que há duas correntes opostas no Maranhão que versam sobre a origem do topônimo “São Luís”, dentre estas, a mais difundida considera que o nome é uma referência a memória eterna a Luís XIII, Rei da França e de

¹⁴HEIDRICH, 2017, p. 8.

¹⁵Possui graduação em Licenciatura Em História pelo Instituto de Filosofia de Ciências Humanas da Fum (1971), graduação em Direito pela Universidade Federal do Maranhão (1962), especialização em Pré Mestrado Em História pela Université Laval (1973), especialização em Metodologia do Ensino Superior pela Fundação Getúlio Vargas(1977), especialização em Métodos e Técnicas de Pesquisa em História oral pela Universidade Federal do Maranhão(1989), especialização em Introdução à Metodologia e à Pesquisa Histórica pela Universidade Federal do Maranhão(1986), especialização em Estudos de Problemas Brasileiros pela Universidade Federal do Maranhão(1974), especialização em História da Arte pela Universidade Federal do Maranhão(1974), especialização em Metodologia da Pesquisa pela Universidade Federal do Maranhão(1972), especialização em Introdução À História do Maranhão pela Universidade Federal do Maranhão(1977), especialização em Introdução À Fenomenologia E Ao Estruturalismo pela Universidade Federal do Maranhão(1971), especialização em Pesquisas Históricas pela Universidade Federal do Maranhão(1971), mestrado em Mestrado Em Educação pelo Fundação Getúlio Vargas(1982) e curso-técnico-profissionalizante em A Revolução Teórica na Historiografia Contemporânea pela Universidade Federal do Maranhão(1985). Atualmente é Professor Assistente II da Universidade Estadual do Maranhão. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Filosofia da Educação. Atuando principalmente nos seguintes temas: Educação, sistematizada, baixada maranhense.

¹⁶Daniel de La Touche, sob o título de Senhor de La Ravardière, foi um experiente Lugar-tenente General da Marinha Francesa do século XVII.

Navarra. Outra corrente admite que o nome invoca o querido santo francês Luís IX, canonizado muito antes do descobrimento do Brasil, muito reverenciado pelos fiéis portugueses.¹⁷

Com a chegada dos franceses no território da atual cidade de São Luís, estes, após aqui se instalarem, escolheram um promontório localizado na baía de São Marcos, entre as embocaduras dos rios Anil e Bacanga, onde construíram um Forte devido à visão privilegiada que acabava por facilitar na montagem da estratégia de defesa frente a possíveis ataques de embarcações inimigas que adentravam o continente.

É posto que a cidade de São Luís surja justamente a partir da construção do Forte, que hoje compreende o atual Palácio do Governo do Estado do Maranhão, situado na Avenida Dom Pedro II. Com o fim da Batalha de Guaxenduba¹⁸, no ano de 1615, resultando na expulsão dos franceses da ilha, derrotados pelos portugueses liderados por Jerônimo de Albuquerque¹⁹, teve início, de forma oficial, a colonização portuguesa em terras maranhenses.

Francisco Frias de Mesquita²⁰ foi considerado responsável por determinar o traçado urbano inicial da capital maranhense, composto por linhas retas, em forma de tabuleiro de xadrez, bem notório no atual território da Praia Grande, tombada pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade. De acordo com José Ribeiro do Amaral²¹:

Por volta da metade dos anos seiscentos, as poucas casas presentes na cidade eram, em sua maioria, de pindoba. Nos fins do século XVII, segundo o historiador José Ribeiro do Amaral, as edificações passaram a ser construídas de taipa de Pilão com telha vã sobre madeira mal polida, contando São Luís com quinhentas casas. (AMARAL, 2003, p. 68)

¹⁷LACROIX, 2008, p. 87.

¹⁸A Batalha de Guaxenduba foi um confronto militar ocorrido em 19 de novembro de 1614 próximo de onde hoje se localiza a cidade de Icatu, no estado do Maranhão, no Brasil, entre forças portuguesas e tabajaras, de um lado, e francesas e tupinambás, de outro. A batalha foi um importante passo dado pelos portugueses para a expulsão definitiva dos franceses do Maranhão, a qual viria a ocorrer em 4 de novembro de 1615. A expulsão dos franceses possibilitou que grande parte da Amazônia passasse para domínio português e, posteriormente, brasileiro.

¹⁹Jerônimo de Albuquerque Maranhão foi um militar e administrador colonial português nascido no Brasil. Foi herói da conquista do Maranhão no contexto da França Equinocial, e fundador da atual capital do Rio Grande do Norte, Natal.

²⁰Francisco Frias de Mesquita, também grafado como Francisco de Frias da Mesquita e Francisco de Frias de Mesquita, foi um engenheiro-militar e arquiteto português com destacada atuação no Brasil colonial.

²¹Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, figurou entre os que em 30 de novembro de 1925 fundaram o Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, então denominado Instituto de História e Geografia do Maranhão e foi, por seguidos anos, o zeloso possuidor da maior coleção de jornais antigos do Maranhão.

Ribeiro do Amaral também coloca que, “até o ano de 1733 as ruas da pequena São Luís não tinham nomeação, havia apenas referências a elas” (AMARAL, 2003, p. 76), isto significa dizer que as denominações estavam ligadas a algo em comum em sua paisagem, acontecimento ou mesmo conhecidos no lugar. Vale salientar que diversas cidades no Brasil possuem logradouros com nomes que, por exemplo, foram atribuídos por conta de características em sua paisagem, transmitidas entre gerações por tradição oral.

Durante o século XVIII, boa parte da malha urbana da cidade de São Luís resumia-se apenas ao Largo do Carmo, Praia Grande e Desterro.²² O crescimento espontâneo não se deu de forma planejada, resultando assim em uma grande diferença entre suas ruas e edificações. Desse período até parte do século XX, o crescimento da cidade de São Luís não teve grande impacto urbanístico na capital. Durante a década de 1930, Paulo Martins de Sousa Ramos²³ pensou algumas intervenções públicas e urbanísticas na cidade de São Luís visando o bem-estar da população.

Segundo José Reinaldo Barros Ribeiro Júnior, entre os anos de 1940 à 1970, a cidade recebeu milhares de migrantes vindos do campo, fazendo com que as áreas da Avenida Getúlio Vargas (antigo caminho grande) fossem ocupadas.²⁴ A partir desse momento, alguns logradouros surgem como, por exemplo, as localidades do Areal (atual bairro do Monte Castelo), Matadouro (atual bairro da Liberdade), Cavaco (atual bairro de Fátima), João Paulo, Filipinho, Anil, e outros.

O setor censitário²⁵ que hoje é compreendido como bairro da Liberdade²⁶, começou a ser ocupado no início do século XX, em meados da década de 1918, e anteriormente era nomeado de Campina, segundo relatos dos primeiros moradores. Logo em seguida, com a transferência do Matadouro Municipal para o bairro, passa a se chamar de Campina do Matadouro. Neste período ainda era um pequeno povoado, que teve aos poucos

²²GOMES, 1988, p. 20.

²³ Paulo Martins de Sousa Ramos, mais conhecido apenas Paulo Ramos, foi governador do estado Maranhão por quase de nove anos, de 1936 até 1945, nomeado como interventor federal do Estado Novo (1937-1945).

²⁴ RIBEIRO JUNIOR, 2001, p. 89.

²⁵ O setor censitário é a menor unidade territorial formada por área contínua, integralmente contida em área urbana ou rural, com dimensão adequada à operação de pesquisas e cujo conjunto esgota a totalidade do Território Nacional, o que permite assegurar a plena cobertura do País.

²⁶ O IBGE no Censo 2010 determina como Bairro da Liberdade os setores censitários determinados pelos códigos de setores: 211130005000043, 211130005000044, 211130005000045, 211130005000046, 211130005000047, 211130005000048, 211130005000049, 211130005000050, 211130005000051, 211130005000052, 211130005000053, 211130005000054, 211130005000055, 211130005000056, 211130005000057, 211130005000058, 211130005000060, 211130005000062, 211130005000079, 211130005001021, 2111300051041.

seu terreno ocupado de maneira desproporcional, principalmente para estabelecimentos comerciais.

O Bairro situa-se na região central da Cidade de São Luís e se localiza entre as Coordenadas 44°, 16' 36"W e 2°. 31'39"S, cujos limites são: a margem direita do Rio Anil ao Norte, o Bairro Monte Castelo ao Sul, a Leste o bairro da Camboa e a Oeste a margem esquerda do Rio Anil. Conforme Célia Regina Duarte Silva²⁷:

O Bairro da Liberdade está relacionado à história do Matadouro Modelo de São Luís, cuja importância constituiu-se como fator concreto que marca o seu surgimento. Daí destacamos os elementos da sua formação que sustentam a evolução e a caracterização do bairro do Matadouro. (SILVA, 1997, p. 46)

Vale destacar que foram várias as dificuldades estruturais, que estes primeiros moradores do Bairro da Liberdade tiveram, a falta de água encanada era uma delas, isso fazia com que eles tivessem de recorrer obrigatoriamente ao deslocamento diário em busca de água em outra rua. Sem energia elétrica, faziam uso de lamparinas, umas das principais responsáveis pelos incêndios constantes nas casas de palha naquela época, isso porque muitas crianças eram deixadas sozinhas pelos pais, enquanto saíam para trabalhar, o que aumentava a ocorrência de acidentes com o querosene das lamparinas.

O momento em que aconteciam incêndios no bairro da Liberdade e nos bairros vizinhos, os moradores se uniam para apagá-los e minimizar os prejuízos. Dona Maria Pretinha fala que, também nesses casos, a vizinhança “ajudava também levando alimentação e roupa, porque a pessoa perdia tudo num incêndio” e que até hoje ela mantém amizades com as pessoas que ajudou em incêndios. (ASSUNÇÃO, 2017, p. 31)

Segundo os moradores mais antigos da área, havia um portão de entrada nas imediações da atual feira, que dava acesso ao gado, que chegava para ser abatido por meio de trem da Estação Ferroviária de São Luís – Teresina, onde ficavam até a hora de ir para o Matadouro. De acordo com Teresa Helena Oliveira Corrêa²⁸, antes de ser chamado de Bairro da Liberdade, era chamado de Bairro do Matadouro e servia de pastagem de gado, onde funcionava o Matadouro Central da Cidade de São Luís.²⁹

Em 17 de maio de 1967, o Prefeito Municipal Eptácio Cafeteira Afonso Pereira, através da Lei nº 1749 determina a nova denominação ao Bairro Campina do Matadouro, cuja

²⁷ Bacharel em Geografia pela Universidade Federal do Maranhão.

²⁸ Bacharel em Geografia pela Universidade Federal do Maranhão.

²⁹ CORREA, 2004, p.21.

lei entrou em vigor a partir do dia 21 de abril de 1967 e foi publicada no Diário Oficial da União em 25 de maio de 1967.

A fim de compreender e inserir dentro da História Social estes processos, de mudança nominal do Bairro e transferência do Matadouro, é importante notar que:

A categoria “processos” é uma das mais significativas e aparece incluída na rubrica ‘Movimentos Sociais’, é importante indicar que a História Social também estuda estes ‘processos’, e não apenas modos de organização ou estruturas, pois caso contrário a História Social poderia ser vista como uma história estática, e não dinâmica. (BARROS, 2004, p. 25)

Segundo Maurice Halbwachs³⁰, um dos aspectos que diferenciam a memória da história é o fato de aquela se constituir em uma corrente de pensamento contínuo, preservando do passado apenas o que é significativo para o presente. Neste caso, a memória de uma sociedade estende-se até onde pode, quer dizer, até onde atinge a memória dos grupos dos quais ela é composta.”

Esse sentido de grupo não significa unicamente a aproximação física dos integrantes, mas também a identificação afetiva entre eles. Enquanto na memória não há linha nítida de separação entre passado e presente, na história, ao contrário, há separação entre essas duas temporalidades, constituindo-se um dos seus objetivos o reestabelecimento dessa continuidade interrompida. A memória coletiva é o passado contido na prática dos grupos ou de comunidades inteiras.

Por se tratar de memória, opta-se por recorrer aos moradores mais antigos, através de entrevistas orais, para fazer um resgate histórico desta comunidade; ouvindo assim, diretamente os agentes sociais, que participaram ativamente destes processos de mudanças. A ênfase em estudar esses agentes da memória oral, contribui para perpetuar os conhecimentos, as experiências e manifestações através dos valores culturais de cada um. O aprofundamento do estudo de uma situação social de uma comunidade pode levar ao entendimento de toda uma ideologia cultural profundamente enraizada e que de certo modo, traça uma trajetória peculiar na formação do Bairro da Liberdade.

³⁰Maurice Halbwachs foi um sociólogo francês da escola durkheimiana. Escreveu uma tese sobre o nível de vida dos operários, e sua obra mais célebre é o estudo do conceito de memória coletiva, que ele criou.

Sobre as fontes a serem utilizadas a fim de dar voz às pessoas comuns, Ciro Flamarion Cardoso³¹ e Ronaldo Vainfas³² explicam que a prática e o debate metodológico em relação ao uso da técnica de história oral neste campo têm sido intensos nos últimos vinte anos, mapeando seus avanços e limitações.³³ Sobre essas questões, Jacques Le Goff³⁴ aponta que a memória na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.

Percebe-se, portanto, em todos os discursos dos moradores antigos entrevistados, a menção da ocupação inicial do Bairro, a instalação do Matadouro e sua posterior transição, como sendo estes os momentos mais importantes da história da comunidade. Neste aspecto, Michel Pollak³⁵ aponta que, se destacarmos essa característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis.³⁶

Todos os que já realizaram entrevistas de história de vida percebem que no decorrer de uma entrevista muito longa, em que a ordem cronológica não está sendo necessariamente obedecida, em que os entrevistados voltam várias vezes aos mesmos acontecimentos, há nessas voltas a determinados períodos da vida, ou a certos fatos, algo de invariante. É como se, numa história de vida individual - mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente houvesse elementos irredutíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. Em certo sentido, determinados números de elementos tornam-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos possam se modificar em função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala. (POLLAK, 1992, p. 202-203)

O autor também coloca que se faz necessário o uso de alguns elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva. O primeiro deles são os acontecimentos que foram vividos de forma pessoal, o segundo, os acontecimentos que foram vividos de forma coletiva por determinado grupo social que o indivíduo em questão pertence.

³¹ Ciro Flamarion Santana Cardoso foi um renomado historiador brasileiro.

³² Ronaldo Vainfas é um historiador e professor brasileiro. Vainfas é vencedor de premiações como o Prêmio Literário 2009, concedido pela Fundação Biblioteca Nacional.

³³ CARDOSO; VAINFAS, 1997, p. 49.

³⁴ Jacques Le Goff foi um historiador francês especialista em Idade Média. Autor de dezenas de livros e trabalhos, era membro da Escola dos Annales, empregou-se em antropologia histórica do ocidente medieval.

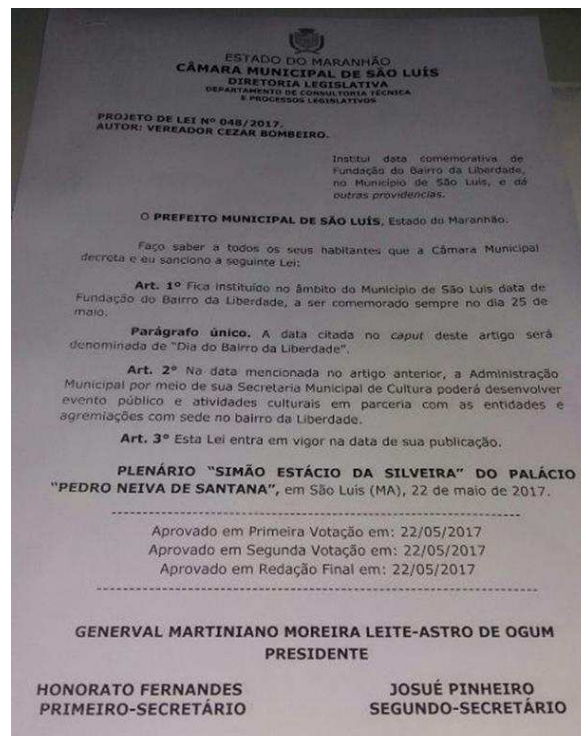
³⁵ Michael Pollak é um sociólogo e historiador austríaco.

³⁶ POLLAK, 1992, p. 202.

São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. (POLLAK, 1992, p. 205)

Partindo do ponto de que estes fatos históricos constituem-se um dos elementos mais importantes da memória recente da população, é válido ressaltar que dito de outra forma, existe um modo específico como a História Social encara os fatos políticos e econômicos, seja nos grupos específicos ou em um conjunto mais amplo, devem ser também objetos privilegiados para os historiadores sociais Segundo José D'Assunção Barros³⁷, “*não é o tipo de fato político, econômico, social ou cultural por definição - o que define uma subespecialidade da História, mas sim o enfoque que o historiador dá a cada um destes tipos de fatos*” (BARROS, 2004, p. 112).

Devido a este fato ser de grande importância para a preservação da memória histórica da localidade, o atual Prefeito de São Luís, Edivaldo Holanda, sancionou a Lei de Nº **048/2017**, de autoria do **Vereador Cezar Bombeiro**, que institui data comemorativa de Fundação do Bairro Município de São providências.



³⁷José D'Assunção Barros é um historiador e musicólogo brasileiro.

Anexo do Projeto de Lei de Nº 048/2017. Autor: Vereador Cezar Bombeiro.

O Prefeito Municipal de São Luís, Estado do Maranhão:

Faz saber a todos os seus habitantes que a Câmara Municipal decreta e sanciona a seguinte Lei:

Art. 1º Fica instituído no âmbito do Município de São Luís data de Fundação do Bairro da Liberdade, a ser comemorado sempre no dia 25 de maio.

Parágrafo único: A data citada no *caput* deste artigo será denominada de “Dia do Bairro da Liberdade”.

Art. 2º Na data mencionada no artigo anterior, a Administração Municipal por meio de sua Secretaria Municipal de Cultura poderá desenvolver evento público e atividades culturais em parceria com as entidades e agremiações com sede no Bairro da Liberdade.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Segundo o próprio Vereador, essa Lei objetiva valorizar a comunidade, trazendo benefícios para toda a população, principalmente para a juventude, porque a Liberdade só é vista lá fora de maneira negativa, principalmente por conta da violência e a mídia só reforça essa imagem, portanto esta Lei objetiva trazer um novo olhar para o Bairro.

De acordo com Gislene Aparecida dos Santos³⁸, o Bairro da Liberdade ainda carrega um grande estigma, e muitos de seus moradores são vítimas de preconceito e racismo. A mesma aponta que “*O racismo se origina como estratégia de diferenciação numa sociedade na qual as próprias estruturas e a própria organização social se incumbem de estabelecer diferenças e separações entre os grupos que a compõem*” (SANTOS, 2002, p. 279).

Portanto, pode-se claramente perceber que os embates contra os estigmas e preconceitos relacionados ao Bairro foram de certa medida, a motivação para elaboração da

³⁸Livre docente pela Universidade de São Paulo. Possui mestrado em Filosofia (USP), especialização em Epistemologia da Psicologia e da Psicanálise (UNICAMP), Doutorado em Psicologia (USP), pós-doutorado pelo King College London (área de Estudos Portugueses e Brasileiros) e York University (Estudos sobre Brasil-Canadá). É professora da Universidade de São Paulo lecionando no curso de graduação em Gestão de Políticas Públicas na Escola de Artes, Ciências e Humanidades, no Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos da Faculdade de Direito. É pesquisadora do GEPPIS- Grupo de Estudos e Pesquisas das Políticas Públicas para a Inclusão Social e do Diversitas - Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos-USP.

Lei, visto que o Vereador é morador do Bairro e assume ser vítima de preconceito constantemente. Sobre essas questões trataremos a seguir.

3. FORMAÇÃO POPULACIONAL

3.1 A identificação racial

Antes de falarmos especificamente sobre a formação populacional do Bairro da Liberdade, e a quantidade de moradores que se declararam negros no último Censo Demográfico de 2010, é preciso fazer uma retomada histórica e geográfica sobre esta temática; para melhor compreensão utilizaremos uma análise comparativa à nível de Brasil, Maranhão e São Luís, para depois nos atermos ao Setor Censitário compreendido como Liberdade.

Embora a população que se autodeclara branca ainda seja maioria no Brasil, o número dos que se autodeclararam pretos ou pardos, têm um aumento significativo em todo o Brasil. Existem diversas explicações para tal fato, a que utilizaremos nesta pesquisa, parte da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD³⁹, feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

Segundo a gerente da PNAD Contínua, Maria Lúcia Vieira, este fator pode estar ligado aos movimentos de reafirmação racial no País. Para ela esse aumento não tem relação com o aumento da taxa de natalidade entre os negros e pardos, visto que o que o IBGE utiliza como explicação é a predominância da autodeclaração⁴⁰.

As tabelas a seguir, mostram de maneira comparativa, os resultados relativos a este aumento na autodeclaração como pretos ou pardos, nos três últimos censos, de 1991, de 2000 e 2010, primeiramente de uma maneira mais abrangente, mostrando resultados do Brasil, em seguida, do Estado do Maranhão e por fim da Cidade de São Luís, para podermos por fim chegar ao Bairro da Liberdade.

³⁹A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD - destina-se a produzir informações contínuas sobre características demográficas e de educação, e, também, para o estudo do desenvolvimento socioeconômico do País, agregando a produção de resultados anuais sobre temas permanentes da pesquisa e outros aspectos relevantes selecionados de acordo com as necessidades de informação. A pesquisa é realizada por meio de uma amostra de domicílios, extraída de uma amostra mestra, de forma a garantir a representatividade dos resultados para os diversos níveis geográficos definidos para sua divulgação. A cada trimestre, são investigados 211.344 domicílios particulares permanentes, em aproximadamente 16.000 setores censitários, distribuídos em cerca de 3.500 municípios.

⁴⁰O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) trabalha com autodeclaração e não faz questionamentos quanto às respostas ao questionário da pesquisa pela população. Os resultados divulgados contemplam aspectos da identificação de origens étnica e geográfica da população e da percepção da influência da cor ou raça em alguns espaços da vida social, contribuindo, assim, para o estudo deste fenômeno. Espera-se, ainda, que tais estatísticas tragam subsídios para novos estudos, tanto no âmbito do IBGE como de especialistas de outras instituições, de modo a aprofundar a compreensão das categorias étnico-raciais até então utilizadas nas pesquisas domiciliares.

Demonstração em valores absolutos como a população se autodeclarou nos últimos três Censos Demográficos no Brasil:

Tabela 136 - População residente, por cor ou raça:							
Variável - População residente (Pessoas)							
Brasil							
Ano	Cor ou raça						
	Total	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Sem declaração
1991	146815815	75704922	7335130	630658	62316085	294148	534872
2000	169872856	91298042	10554336	761583	65318092	734127	1206675
2010	190755799	90621281	14351162	2105353	82820452	821501	36051
Fonte: IBGE - Censo Demográfico							

Demonstração em percentual como a população se autodeclarou nos últimos três Censos Demográficos no Brasil:

Tabela 136 - População residente, por cor ou raça:							
Variável - População residente - percentual do total geral							
Brasil							
Ano	Cor ou raça						
	Total	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Sem declaração
1991	100	51,56	5	0,43	42,45	0,2	0,36
2000	100	53,74	6,21	0,45	38,45	0,43	0,71
2010	100	47,51	7,52	1,1	43,42	0,43	0,02
Fonte: IBGE - Censo Demográfico							

Com base nos conteúdos abordados nas tabelas acima, pode-se considerar significativo o aumento nas autodeclarações de Pretos e Pardos, como já explicitado anteriormente. No Maranhão, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, os negros são maioria, estes somam cerca de 74% da população. Em entrevista ao Portal da Universidade Federal do Maranhão sobre a criação da primeira Licenciatura do Brasil de Estudos Africanos e Afro-brasileiros, o Professor Carlos Benedito Rodrigues da Silva⁴¹ coloca que, “o Maranhão figura entre os Estados brasileiros com maior percentual de

⁴¹É professor Associado Nível IV do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão-UFMA. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFMA. Possui Graduação em

população negra, e é de uma diversidade cultural muito grande herdada do continente africano, como do ponto de vista da religiosidade, da musicalidade, entre outros”.

Segundo a Professora Katia Evangelista Regis⁴², coordenadora da Licenciatura o crescimento da população que se autodeclara negra é o reflexo dos anos de luta do movimento negro e também do acesso à educação, explica que *“a população negra que tem mais acesso ao conhecimento efetivo da história africana e afro brasileira passa a se ver mais positivamente como negra. Conhecendo sua história, os negros assumem o orgulho da sua cor”.*

As tabelas a baixo exemplificam bem as falas de ambos.

Demonstração em valores absolutos como a população se autodeclarou nos últimos três Censos Demográficos no Estado do Maranhão:

Tabela 136 - População residente, por cor ou raça:							
Variável - População residente (Pessoas)							
Unidade da Federação – Maranhão							
Ano	Cor ou raça						
	Total	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Sem declaração
1991	4929676	1016254	275580	3431	3603376	15672	15363
2000	5657552	1512324	542834	7565	3523999	27571	43260
2010	6574789	1437656	632138	74265	4396274	34339	117

Fonte: IBGE - Censo Demográfico

Demonstração em percentual como a população se autodeclarou nos últimos três Censos Demográficos no Estado do Maranhão:

Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (1978), Mestrado em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (1992) e Doutorado em Ciências Sociais-Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2001). É Coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros-NEAB-UFMA. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Ritmos da Identidade. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia das Populações Afro-Brasileiras, atuando principalmente nos temas: diversidade cultural, relações étnico-raciais, e ação afirmativa. É filado à ABPN (Associação Brasileira de Pesquisadores Negros), à ABA (Associação Brasileira de Antropologia) e à SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência). Atua como compositor e cantor na área cultural do Centro de Cultura Negra do Maranhão.

⁴²Graduada em História pela Universidade de São Paulo (USP - 2000), Mestre (2004) e Doutora (2009) em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pós-Doutorado (2015) realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo da PUC-SP em parceria com o Departamento de História da Universidade Pedagógica (UP) de Moçambique. Entre 1998 e 2002 foi educadora e coordenadora do Centro de Educação e Organização Popular (CEOP), que desenvolvia a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Tabela 136 - População residente, por cor ou raça							
Variável - População residente - percentual do total geral							
Unidade da Federação – Maranhão							
Ano	Cor ou raça						
	Total	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Sem declaração
1991	100	20,62	5,59	0,07	73,1	0,32	0,31
2000	100	26,73	9,59	0,13	62,29	0,49	0,76
2010	100	21,87	9,61	1,13	66,87	0,52	0
Fonte: IBGE - Censo Demográfico							

Demonstração em valores absolutos como a população se autodeclarou nos últimos três Censos Demográficos na Cidade de São Luís:

Tabela 136 - População residente, por cor ou raça							
Variável - População residente (Pessoas)							
Município - São Luís (MA)							
Ano	Cor ou raça						
	Total	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Sem declaração
1991	696372	174838	44548	523	472440	381	3642
2000	870028	272639	88673	1199	498628	3130	5759
2010	1014837	295487	131589	11074	574919	1754	14
Fonte: IBGE - Censo Demográfico							

Demonstração em percentual como a população se autodeclarou nos últimos três Censos Demográficos na Cidade de São Luís:

Tabela 136 - População residente, por cor ou raça							
Variável - População residente - percentual do total geral							
Município - São Luís (MA)							
Ano	Cor ou raça						
	Total	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Sem declaração
1991	100	25,11	6,4	0,08	67,84	0,05	0,52
2000	100	31,34	10,19	0,14	57,31	0,36	0,66
2010	100	29,12	12,97	1,09	56,65	0,17	0
Fonte: IBGE - Censo Demográfico							

De acordo com estes dados do IBGE (2010), apresentados até aqui, os setores censitários compreendidos como Liberdade, são 22 no total. O IBGE utiliza-se de setores

cenitários para fazer a contagem da população, porque a cidade de São Luís não tem uma Lei de Bairros⁴³ que permita o Censo por rua ou bairro, desta maneira há certa dificuldade de delimitar-se onde se inicia e onde termina o Bairro da Liberdade, visto que este se limita com outros três bairros vizinhos, a saber: Camboa, Fé em Deus e Monte Castelo. O mapa abaixo permite melhor visualização das áreas demarcadas pelo IBGE, que compreendem os setores censitários: 211130005000043, 211130005000044, 211130005000045, 211130005000046, 211130005000047, 211130005000048, 211130005000049, 211130005000050, 211130005000051, 211130005000052, 211130005000053, 211130005000054, 211130005000055, 211130005000056, 211130005000057, 211130005000058, 211130005000060, 211130005000062, 211130005000790, 211130005001021 e 211130005001041 como Bairro da Liberdade.



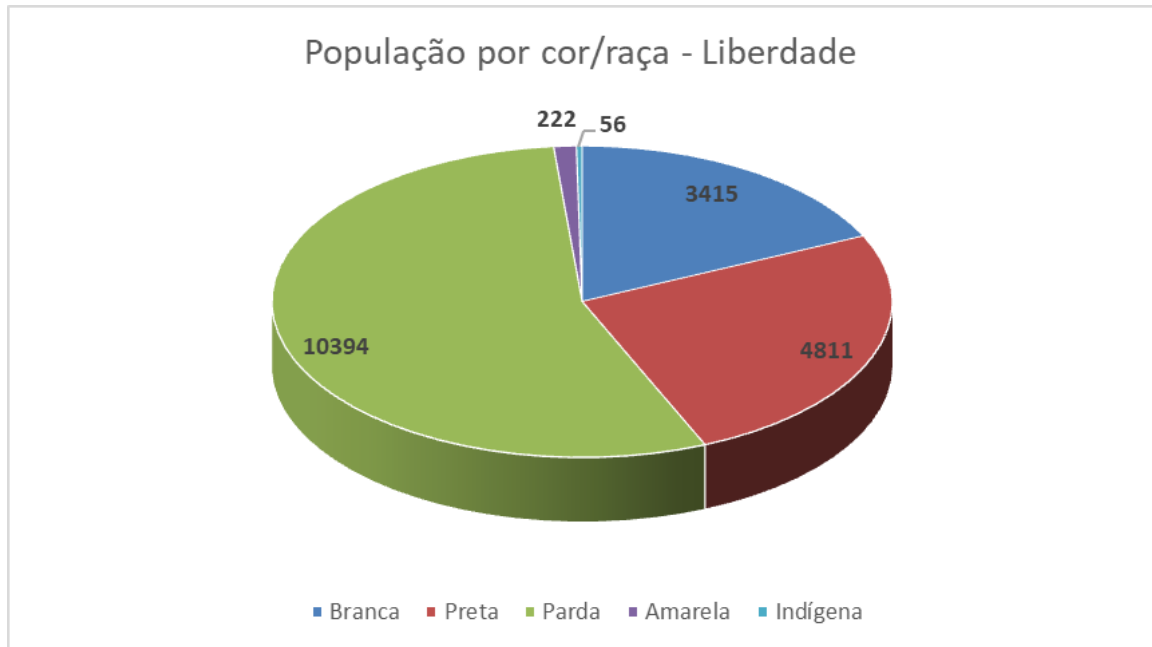
Fonte: Google Maps. Edição: Daydson Soares, 2018.

⁴³Somente os Municípios de Timon e Matões do Norte/MA, têm uma Lei de Bairros aprovada na Câmara Municipal. Nestes locais o Censo não é organizado por setor censitário, como em São Luís, mas por ruas e bairros, segundo o IBGE.

Liberdade por Setor Censitário:

Código do Setor	Situação do Setor	Total	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena
211130005000043	1	907	132	249	19	501	6
211130005000044	1	1028	258	201	1	568	0
211130005000045	1	476	103	74	5	294	0
211130005000046	1	626	134	132	7	351	2
211130005000047	1	549	110	106	11	322	0
211130005000048	1	1154	249	204	9	690	2
211130005000049	1	983	182	279	16	502	4
211130005000050	1	1184	230	185	9	753	7
211130005000051	1	759	132	208	10	409	0
211130005000052	1	1070	202	201	32	635	0
211130005000053	1	649	135	155	2	350	7
211130005000054	1	1197	201	352	3	641	0
211130005000055	1	1290	222	223	2	843	0
211130005000056	1	920	261	136	27	495	1
211130005000057	1	850	114	243	14	458	21
211130005000058	1	1339	82	646	3	608	0
211130005000060	1	1103	193	332	24	552	2
211130005000062	1	1159	234	286	10	629	0
211130005000790	1	571	98	142	1	329	1
211130005001021	1	436	31	319	1	85	0
211130005001041	1	648	112	138	16	379	3
		18898	3415	4811	222	10394	56

Ao estabelecer uma análise da tabela anterior, pode-se observar, de forma mais detalhada, os Setores Censitários que compõe o Bairro da Liberdade, bem como o total geral de autodeclarações de cor ou raça e o total individual de cada uma destas. A partir destes dados, pode-se perceber a Liberdade como sendo um Bairro formado em sua maioria por pessoas que se autodeclaram pretas/pardas. Algo reforçado no gráfico abaixo:



FONTE: AUTORIA PRÓPRIA – COM BASE EM DADOS DO IBGE/CENSO 2010

De acordo com Alfredo Wagner Berno de Almeida⁴⁴, este é apenas um dos elementos que acabam por corroborar para com a luta de reconhecimento da Liberdade, como sendo um Quilombo Urbano.

Por conta disso, os movimentos sociais formados destas comunidades étnicas não são determinados apenas pela conotação política. Há uma forte relação com a identificação coletiva de uma etnia, que pode levar à formação de uma modalidade organizativa peculiar, agrupando diferentes etnias, no qual o critério político-organizativo permite que distintos grupos possam articular objetivos comuns mediante formas de mobilização fortemente relacionadas com a construção de uma territorialidade específica. (ALMEIDA, 2006, p. 67)

Quando se trata de grupos étnicos o compartilhamento de uma mesma cultura não deve ser visto como ponto central de união, mas têm-se aí questões políticas e de solidariedade que costumam despertar a crença na comunhão étnica. A relevância da volta ao passado e a reinvenção da identidade aí se manifestam, ocorrendo a transformação de relações comunitárias pessoais, em relações associativas.

⁴⁴Possui mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1978) e doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é bolsista CNPQ, pesquisador sênior da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, professor nos seguintes Programas de Pós-graduação - Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia na Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, Pós - Graduação, Cidadania e Direitos Humanos em Segurança Pública e na Pós Graduação mestrado interdisciplinar em Ciência Humanas na Universidade do Estado do Amazonas - UEA, Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia e Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal do Amazonas - UFAM e coordena os Projetos Cartografia da Cartografia Social: uma síntese das experiências (UFAM /Fundação Ford).

O que se observa atualmente, sob um paradoxo, é a formação de comunidades que ao se organizarem em favor de suas próprias motivações, articulando-se politicamente e economicamente em detrimento de seus objetivos, unificam-se em um sentimento de solidariedade que fazem cada um se sentir parte de um grupo (ALMEIDA, 2005, p. 22).

O Bairro da Liberdade é caracterizado por uma concentração populacional remanescente de quilombos.⁴⁵ De acordo com Alfredo Wagner Berno de Almeida, o bairro da liberdade é apresentado como um bairro negro, contrastando assim com uma comunidade quilombola ou um quilombo urbano, onde boa parte da população tem suas raízes especialmente no município de Alcântara/MA e outras regiões da baixada ocidental maranhense.

[...] Uma das maiores dificuldades enfrentadas no decorrer dos trabalhos de pesquisa do Projeto Vida de Negro concerne à auto evidência que envolve o significado de quilombo. No estado atual de conhecimento se percebe os quilombolas menos como conceito, sociologicamente construído, do que através de uma definição jurídico-formal historicamente cristalizada [...] Está-se diante de um ato dissimulado de imposição, que precisa ser colocado em dúvida e classificado como arbitrário para que se possam alcançar as novas dimensões dos significados atuais de quilombo e de seus instrumentais interpretativos [...] Exatamente um século e cinco meses após a abolição formal da escravatura a figura do quilombo é reintroduzida no repertório das disposições legais. A Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 05 de outubro de 1988, consoante o Art. 68 do Ato das disposições transitórias, asseverava o seguinte: “Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” [...]. (ALMEIDA, 2011, p. 42)

É comum vários bairros periféricos de grandes cidades serem formados em meio ao desenvolvimento do processo de migração para determinada região. Muitas famílias do interior, ao migrarem para a capital, costumam se instalar em terrenos periféricos, desocupados, muitas vezes alagadiços, beira de rio. Uma das justificativas desse processo migratório de famílias vindas de Alcântara e terem se instalado aqui se deu pela expulsão destas de suas casas, em sua maioria palafitas, por conta do conflito existente com o Centro de Lançamento de Foguetes (CLA). Sem grandes recursos, se viram obrigados a ocupar os bairros periféricos como, por exemplo, Camboa, Liberdade e outros.

⁴⁵ ALMEIDA, 2006, p. 38.

Na visão de Ermínia Maricato⁴⁶, é dessa forma que se constrói a cidade “ilegal”.⁴⁷ Segundo ela, esta ilegalidade se dá por conta da baixa capacidade de renda de uma grande parcela da população urbana e pouca oferta de terras para esta população que não pode pagar. Atrelando estes fatores a constituição populacional do Bairro da Liberdade, pode-se dizer que este foi formado por indivíduos de baixa renda que, sem alternativa, abrigaram-se em território periférico e ainda tiveram de se sujeitar a empregos informais com baixos salários como, por exemplo, empregados domésticos, pedreiros, pescadores, porteiros, vigias.

[...] Em suma, identificamos o precariado como a fração mais mal paga e explorada do proletariado urbano e dos trabalhadores agrícolas, excluídos a população pauperizada e a lumpemproletariadona, por considerá-la própria à reprodução do capitalismo periférico [...]. (BRAGA, 2012, p. 19)

De acordo com a colocação de Ruy Braga⁴⁸, pode ser constatada através da mão de obra existente no Bairro da Liberdade. De acordo com relatos de moradores mais antigos, a comunidade da Liberdade tem sua formação datada no ano de 1950.⁴⁹ Alguns destes testemunharam o processo de formação e ocupação do bairro.

O processo de ocupação se deu inicialmente em sítios, quintas e vacarias, após a rescisão de contrato com a Companhia Matadouro Modelo. A partir daí o município passou a controlar o Matadouro e as terras próximas. Para alguns moradores, nesse momento começa o processo de invasão, que resultou na consolidação do bairro da Liberdade. (SILVA, 1997, p. 33)

Segundo relatos de alguns moradores antigos do Bairro da Liberdade, muitos deles moram lá desde pequenos, alguns nascidos e criados neste outros vindos de outras localidades, como é o caso de Luiza Amélia dos Santos Carvalho⁵⁰, de 60 anos, e moradora do bairro a 59 anos:

⁴⁶Graduação (1971), mestrado (1977), doutorado (1984), livre docência (1997) e professora titular (1998) de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1977/2010). Foi professora visitante do Center of Human Settlements da Universidade da British Columbia e da Witswaterand University de Johannesburg. Coordenadora do curso de Pós-Graduação da FAUUSP. Membro da Câmara de Normas e Recursos da USP (1998-2002). Presidente da Comissão de Pesquisa da FAUUSP e Membro do Conselho de Pesquisa da USP (2007-2009). Fundadora do LABHAB - Laboratório de Habitação e Assentamentos Humanos da FAUUSP.

⁴⁷MARICATO, 1996, p. 52.

⁴⁸Ruy Gomes Braga Neto é um sociólogo brasileiro especialista em sociologia do trabalho. É graduado em Ciências Sociais, mestre em Sociologia, doutor em Ciências Sociais pela Unicamp e livre-docente da Universidade de São Paulo.

⁴⁹SILVA, 1997, p. 31.

⁵⁰ Moradora antiga do Bairro da Liberdade.

Eu era criança e meu pai veio de Alcântara para cá, porque já conhecia muita gente. Aí ele veio construir uma casa e depois mandou buscar a gente em Alcântara. Nunca morei em outro lugar. (CARVALHO, 2018)

A moradora também relata algumas características peculiares do bairro no início do povoamento deste.

Toda a área era maré, quase não tinha residências, depois com o tempo foi chegando muito morador. Eu sentava na beira da maré para pescar, brincar, era bom. Conheci muita gente que trabalhou no Matadouro. Aqui perto tinha um poço, era lá que a gente pegava água. O trem passava aqui na porta. Aí abriram a Escola Estado do Pará, que foi a primeira escola do bairro e desativou a estrada de ferro. Eu gosto tanto do meu bairro que só quero sair daqui quando morrer. (CARVALHO, 2018)

Além do processo migratório de famílias do interior para o Bairro da Liberdade, existiu também a migração de famílias que moravam em outros bairros para o Bairro da Liberdade. É o que se constata com o relato de Zuila Mendes Gaspar⁵¹ de 77 anos, moradora a 60 do Bairro da Liberdade.

Meu marido já trabalhava aqui, aí quando casamos, nós viemos direto para cá. Quando chegamos aqui ainda era Campina do Matadouro. Era grande e tinha um monte de Cajueiros. Onde hoje é a escola Mario Andrezza. Tudo era maré, as casas feitas de taipa. (GASPAR, 2018)

Alguns dos antigos moradores do bairro relatam de forma clara o momento de transição do nome do Bairro de Matadouro para Bairro da Liberdade. Matias José de Oliveira⁵² de 69 anos, nascido e criado no Bairro da Liberdade, quando perguntado sobre esse processo de transição, relata um pouco desse período.

Passei sim e lembro bem. Foi na época do prefeito Cafeteira, na época eu tinha uns 15 anos eu acho. Antes tinha o Matadouro, a Estrada de Ferro que era lá onde hoje é a Avenida Luis Rocha, o gado vinha de trem e ia sendo tocado pelos funcionários do Matadouro e lá teria o abate. Aqui não tinha asfalto, não tinha nada. Nesse tempo já tinha até bastante morador, mas, com a vinda do Matadouro, muita gente foi invadindo. (OLIVEIRA, 2018)

⁵¹ Moradora antiga do Bairro da Liberdade.

⁵² Antigo morador do Bairro da Liberdade.

Outro morador antigo do bairro, Valber dos Santos Pereira Reis⁵³ de 77 anos e também nascido e criado no Bairro da Liberdade, também compartilha um pouco sobre esse período e se coloca como indivíduo ativo durante esse processo.

Passei sim, foi na época do Cafeteira, nessa época tinha o Matadouro e tinha uma Igreja lá perto, que eu ajudei a construir ainda no início do bairro. (REIS, 2018)

Quando perguntado aos moradores sobre as mudanças desse período para os dias atuais, boa parte deles relatam que se sentiam mais seguros naquele tempo e consideram o bairro mais violento atualmente.

Naquela época era muito tranquilo, o que eu acho ruim é que piorou a questão da violência. Mas, eu me dou bem aqui, gosto de morar na Liberdade, não tenho do que reclamar. (OLIVEIRA, 2018)

Alguns moradores destacam que uma das vantagens de se morar no Bairro da Liberdade, é sua proximidade com o Centro Comercial da cidade de São Luis, o que, segundo relatos destes, facilita bastante na procura de certos produtos de consumo.

Não acho que tenha mudado nada depois de trocar o nome. Só ficou violento, mas, a Liberdade é bom demais de se morar porque é perto do Centro e aqui vende tudo. Até para conseguir emprego é fácil. (REIS, 2018)

A Liberdade é perto de tudo, como tenho comércio aqui, gosto muito do lugar, é bem movimentado. Mudou muito com os anos, hoje é mais perigoso e mais movimentado. Eu não trocaria de bairro de jeito nenhum! (GASPAR, 2018)

Ainda hoje, a região compreendida pelo IBGE como Bairro da Liberdade é alvo de muitos estigmas sociais, relativos à violência, falta de estruturas básicas e de saneamento. Segundo Erving Goffman⁵⁴:

O estigma envolve não tanto um conjunto de indivíduos concretos que podem ser divididos em duas pilhas, a de estigmatizados e a de normais, quanto um processo social de dois papéis no qual cada indivíduo participa de ambos, pelo menos em algumas conexões e algumas fases da vida. O normal e o estigmatizado não são pessoas, e sim perspectivas que são geradas em situações sociais durante os contatos mistos, em virtude de normas não cumpridas que provavelmente atuam sobre o encontro. (GOFFMAN, 1963, p. 51)

⁵³ Idem.

⁵⁴ Erving Goffman foi um cientista social, antropólogo, sociólogo e escritor canadense. Foi considerado "o sociólogo norte-americano mais influente do século XX".

Mesmo frente a esse e outros problemas sociais, o Bairro da Liberdade é destacado como um território de forte presença e significado para a cultura popular da cidade de São Luis. Diversos grupos como brincadeiras folclóricas e associações culturais se espalham por todo o bairro. Estes somam mais de 80 organizações, cada uma delas com suas especificidades, singularidades culturais e com seus ritos e ritmos, como o bumba-meu-boi, tambor de crioula, quadrilha, grupo afro, cacuriá, capoeira, blocos tradicionais, escola de samba, movimento hip-hop, festa do divino, e muitos outros, que acabam por expressar o papel que a população quilombola tem nesse território.

Além disso, há diversas organizações ligadas a movimentos sociais como, associação dos moradores, movimentos de favelados e palafitados, Centro Cultural, clubes de mães, clubes de jovens e outros. *“Os movimentos sociais são divididos em organizações populares, compostos de associações de moradores, clube de mães, grupo de jovens, etc., em sindicatos e partidos políticos”* (SANTOS, 1989, p. 15).

Essas organizações populares geralmente carregam consigo um caráter espontâneo e surgem a partir de problemas sociais locais vivenciados pela comunidade, logo, visam sempre prezar pelo bem e melhoria de condições para o coletivo comunitário como, por exemplo, água, saneamento básico, educação, habitação, luz, pavimentação e outras coisas. A forma que esses grupos encontram desenvolvem suas lutas e reivindicar seus direitos, se dá por meio de passeatas, participação em conselhos, reuniões, abaixo-assinados e, às vezes, com ações mais contundentes, e ocupações de terrenos e prédios públicos ou privados.

Geralmente, essas organizações populares se estruturam com base em dois modelos: o formal e o comunitário. Dentro do modelo formal, pode-se verificar o processo de institucionalização, ou seja, registrado em cartório e com um estatuto regente publicado no Diário Oficial atribuindo assim, um caráter jurídico a essa organização. Há também certa concentração de poder o que acaba por facilitar práticas como o clientelismo, a manipulação e a cooptação.

Os movimentos sociais são, geralmente, são classificados como setores das classes populares, onde há interesses sociais comuns que instigam os indivíduos a travar lutas por seus direitos, participar de forma mais ativa nas decisões políticas e assim, exercer peso maior na correlação de forças políticas. Vale salientar que toda e qualquer organização, seja ela formal ou comunitária, da cidade ou do campo, no meio urbano ou no rural, possuem um “inimigo” em comum: a expropriação e a exploração do capital. Logo, isso acaba por levar os

indivíduos que compõem essas organizações a brigar pelos direitos coletivos frente ao poder público.

3.2 A legalização do território

A cidade de São Luis ainda tem boa parte de sua área territorial sob o domínio da União, mesmo após a emenda constitucional nº 46 de 2005⁵⁵, remanescendo dentre elas: a área Rio Anil, onde se situam os Bairros da Liberdade e Camboa. Os moradores dessa região, não tinham nenhum tipo de garantia de posse de moradia já que os bens da União não estão sujeitos ao instituto da usucapião. Isso foi alterado, com a criação do Ministério das Cidades, a Lei Federal nº 11.481 de 2007⁵⁶, que define mecanismo de regularização fundiária em terras da União e a Lei 11.977 de 2009⁵⁷, que dispõe sobre o programa Minha Casa, Minha Vida.

Na cidade de São Luis, o processo de Regularização Urbana em áreas da União teve início no ano de 2007, com o então governador do Estado Jackson Kleper Lago⁵⁸ (2007 a 2009), por meio de um Acordo de Cooperação Técnica (ACT) entre Estado, através da Secretaria de Estado das Cidades Desenvolvimento Regional Sustentável e Infraestrutura - SECID e a União representada pela antiga Gerência Regional do Patrimônio da União (GRPU), hoje, atual Superintendência do Patrimônio da União SPU/MA, que mediou a questão da cooperação técnica interinstitucional entre os partícipes, a fim de melhor proporcionar o desenvolvimento dos programas e das ações de regularização fundiária e de provisão habitacional em imóveis da União situados à margem esquerda do Rio Anil, onde além de bairros como Camboa e Liberdade, também compreendia bairros como Vila Sésamo,

⁵⁵ O inciso IV doravante possui o texto a seguir: “IV - as ilhas fluviais e lacustres nas zonas limítrofes com outros países; as praias marítimas; as ilhas oceânicas e as costeiras, excluídas, destas, as que contenham a sede de Municípios, exceto aquelas áreas afetadas ao serviço público e a unidade ambiental federal, e as referidas no art. 26, II”. Note-se que foi acrescentada a previsão da exceção como bens da União, a relativa às ilhas que contenham sede de Municípios. Sede de Município é a Prefeitura ou o território que se encontra sob jurisdição do município; municipalidade.

⁵⁶ Lei nº 11.481/2007, que estabeleceu novas diretrizes para regularização da propriedade imobiliária, bem como criou novos Direitos Reais, acrescentando no art. 1.225 do Código Civil, os incisos XI – a concessão de uso especial para fins de moradia e XII – a concessão de direito real de uso. Também acrescentou, como bens passíveis de hipoteca, no art. 1.473, os incisos VIII – o direito de uso especial para fins de moradia; IX – o direito real de uso e X – a propriedade superficiária.

⁵⁷ Dispõe sobre o Programa Minha Casa, Minha Vida – PMCMV e a regularização fundiária de assentamentos localizados em áreas urbanas; altera o Decreto-Lei no 3.365, de 21 de junho de 1941, as Leis nos 4.380, de 21 de agosto de 1964, 6.015, de 31 de dezembro de 1973, 8.036, de 11 de maio de 1990, e 10.257, de 10 de julho de 2001, e a Medida Provisória no 2.197-43, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências.

⁵⁸ Jackson Kepler Lago foi um médico e político brasileiro, filiado ao Partido Democrático Trabalhista. Foi governador do estado do Maranhão de 2007 a 2009, quando teve seu mandato cassado pelo Tribunal Superior Eleitoral.

Vila Gorete, Fé em Deus, Irmãos Coragem, Apeadouro, Alemanha, Vila Palmeira, Vila Cristalina, Radional, Santa Cruz, Vera Cruz, Barreto e Diamante.

De acordo com Ligia Melo, a questão da regularização fundiária além de solucionar os casos de irregularidade ligados à habitação, sua promoção traz inclusão social e urbanística, passa da barreira ilegal para a legal, dessa forma, pessoas passam a terem direitos de habitar com reconhecimento, há um resgate da cidadania e da qualidade de vida da população beneficiária⁵⁹, entretanto, Edésio Fernandes⁶⁰ expõe o seguinte:

A segurança da posse e da moradia é de ser alcançada de várias formas, e não apenas, e/ou necessariamente, através do reconhecimento de direitos de propriedade individual. Por outro lado, vários estudos também demonstram que a mera urbanização dos assentamentos ilegais não se traduz necessariamente na diminuição da pobreza urbana. Pelo contrário, se não forem acompanhadas de mecanismos políticos, sociais, legais e financeiros adequados, incluindo dentro outros fatores uma dimensão de gênero, tais políticas acabam por provocar distorções profundas no tenso mercado imobiliário e se tornam em mais um fator de acirramento da segregação territorial e da exclusão social. (FERNANDES, 2001, p. 34).

A partir do reconhecimento de posse, o morador teria a Concessão de Uso Especial para Fins de Moradia (CUEM), documento que legaliza sua moradia e lhe garante acesso a serviços públicos essenciais, financiamentos habitacionais, endereçamento oficial e manutenção dos espaços públicos internos destas ocupações. A fim de melhor viabilizar esse processo, foi feito um cadastramento prévio dos moradores constando neste, suas condições socioeconômicas e a identificação domiciliar. Dessa forma a Superintendência da União no Maranhão (SPU/MA) reconhece o cadastramento e a outorga destes moradores e concede a estes a entrega dos títulos de posse de suas casas devidamente regularizadas.

⁵⁹ MELO, 2010, p. 31.

⁶⁰ Edésio Fernandes é Bacharel em Direito (Universidade Federal de Minas Gerais), Especialista em Urbanismo (UFMG); Mestre (LL. M. in Law in Development, Warwick University, UK) e Doutor em Direito (Ph. D., Warwick University).

4. LIBERDADE, QUILOMBO URBANO

De acordo com Nei Lopes⁶¹, a palavra quilombo tem sua origem no quimbundo Kilombo, significando acampamento, arraial, povoação; união; exército.⁶² Clóvis Moura⁶³ explica o conceito da palavra quilombo da seguinte forma:

Quilombo é o epicentro do fenômeno da quilombagem, que foi organizado e dirigido pelos próprios escravos durante o escravismo brasileiro em todo o seu território; um movimento de mudança social provocado, que desgastou significativamente o sistema escravista, social, econômica e militarmente, contribuindo para a crise do escravismo, que mais tarde foi substituído pelo trabalho “livre”. (MOURA, 1994, p. 22- 24)

Os quilombos, além de servirem como esconderijos para os escravos fugidos, foram a maior forma de protesto, luta e resistência que estes encontraram, frente ao sistema escravista e um espaço onde os negros desenvolviam seus costumes como forma de reafirmação de suas identidades. Estes espaços não se limitavam apenas as áreas rurais, alguns deles localizavam-se em áreas urbanas.

Luiz Alves Ferreira⁶⁴ e Francinete Santos Braga⁶⁵ explicam que, diversos núcleos negros de grande relevância surgiram em meio aos quilombos, como por exemplo, o Bairro do Bexiga, em São Paulo, originário do quilombo do Saracura.

⁶¹Nei Braz Lopes, ou simplesmente Nei Lopes, é um compositor, cantor, escritor e estudioso das culturas africanas, no continente de origem e na Diáspora africana.

⁶²LOPES, 2006, p.186.

⁶³Clóvis Steiger de Assis Moura, mais conhecido como Clóvis Moura, foi um sociólogo, jornalista, historiador e escritor brasileiro. Nasceu na cidade de Amarante, no Piauí.

⁶⁴ Possui graduação em Medicina pela Universidade Federal do Maranhão (1971) e mestrado em Patologia Humana pela Universidade Federal da Bahia (1992). Atualmente é membro do Comitê Técnico de Saúde da População Negra do Ministério da Saúde e Professor adjunto IV da Universidade Federal do Maranhão. Tem experiência na área de Medicina, com ênfase em Patologia, atuando principalmente nos seguintes temas: colo uterino, leishmaniose, leishmaniose tegumentar americana, agentes infecciosos e leishmaniose tegumentar americana.

⁶⁵Graduação em História pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI/2006). É membro efetiva do Núcleo de Núcleo de Extensão e Pesquisa com Populações e comunidades Rurais, Indígenas Negras Quilombolas, coordenou de 2006 a 2011 o Centro de Consciência Negra de Pedreiras e Região do Médio Mearim, é parceira /pesquisadora do Centro de Cultura Negra do Maranhão (CCN/MA), da Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão e do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu -(MIQCB), onde desenvolve trabalhos relacionados aos Povos e Comunidades Tradicionais ,Quilombolas Rurais e Urbanos e a População negra em geral. É sócia da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC). Tem experiência na área de História, com ênfase em História da África e Cultura Afro Brasileira e Africana.

O Estado brasileiro só reconheceu a existência desse tipo de quilombo em 2003, entretanto no final do século XIX quando muitas mudanças ocorriam no Brasil como a 'abolição' formal da escravatura e a adesão ao regime político republicano, a cidade de São Paulo se consolidava com a mudança de ricos fazendeiros da lavoura de café. Os cafeicultores foram morar nas regiões da Avenida Paulista, Campos Elíseos e Higienópolis, trazendo consigo negros escravizados e trabalhadores (as) domésticos (as) “livres” que foram residir próximo aos seus senhores e patrões em residências coletivas conhecidas como Quilombos Urbanos ou Irmandades Negras na área central da cidade. (FERREIRA; BRAGA, 2010, p. 7)

Vários problemas surgiram nesses lugares bem como nos quilombos rurais, dentre eles, o reconhecimento de sua identidade fora do âmbito rural, a opressão histórica, a resistência frente à especulação imobiliária e outros problemas relacionados a questão do “desenvolvimento” via urbanização reduzindo significativamente o território ocupado por esses grupos étnicos.

Uma das explicações dadas sobre a origem de diversos bairros periféricos, bem como as favelas, é a relação existente destas com os quilombos onde, à medida que foram perdendo forças enquanto espaço de luta e resistência negra, ao continuar com o processo de agrupamento de vários povos de diferentes culturas, passou por um processo de modificação originando assim as atuais favelas e bairros periféricos que, em sua maioria, carregam consigo fortes traços da cultura negra.

Com base em informações contidas no IBGE, o termo favela diz respeito a um aglomerado de pelo menos 50 domicílios, sem infraestrutura e em áreas juridicamente “ilegal”. Arlete Moysés Rodrigues⁶⁶ explica que a favela surge da necessidade do onde e do como morar.⁶⁷ Explica que no Estado de São Paulo, num primeiro momento, ocuparam-se casebres e prédios antigos que se encontravam abandonados do Centro Velho da cidade, pela população negra, entretanto, com os “trabalhos de melhoramentos da cidade” foram expulsos

⁶⁶Graduada e Licenciada em Geografia pela Universidade de São Paulo (1971), mestrado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1981) e doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1988). Livre Docente em Geografia pela UNICAMP (1997). Atualmente é professor colaborador ms4- inativo - Universidade Estadual de Campinas - IFCH - Mestrado e Doutorado em Sociologia e Doutorado em Ciências Sociais e IG- Mestrado e Doutorado em Geografia. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Urbana e em Sociologia Urbana atuando principalmente nos seguintes temas: cidade, espaço urbano, estatuto da cidade, habitação, ambiente, problemática ambiental urbana, movimentos populares, políticas públicas urbanas. De 1988 a 1990 foi Presidente da AGB-Associação dos Geógrafos Brasileiros. Representa a AGB no Fórum Nacional de Reforma Urbana. Foi conselheira do Conselho das Cidades de 2006 a 2010 no segmento entidades acadêmicas, científicas e profissionais. Coordena Projeto de Pesquisa sobre a Problemática Urbana e Ambiental - registrado no CNPq.

⁶⁷ RODRIGUES, 1996, p. 37.

para as áreas mais afastadas. Vale salientar que estes “trabalhos de melhoramentos da cidade”, nada mais é que um “projeto de higienização” da cidade coordenado pelo Estado. Bernardo Joffily⁶⁸ explica que, “*na primeira geração pós-1888 a identidade negra brasileira alcança um novo estágio, após séculos de germinação, sobretudo nos bairros negros e a seguir nas favelas dos centros urbanos com maior densidade de afrodescendentes*” (JOFFILY, 1999, p. 81).

Darcy Ribeiro⁶⁹ relata que, em São Paulo, onde faltam moradias, as favelas se assentam em chão liso de áreas de propriedade contestada e organizam-se socialmente como favelas. Resistem quanto podem a tentativas governamentais de desalojá-las e exterminá-las.⁷⁰

No que se refere à cultura e à cultura negra especificamente, pode-se perceber a forma como se dá algumas de suas definições. Segundo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira⁷¹ a cultura é definida como o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições, das manifestações artísticas, intelectuais, etc., transmitidos coletivamente, e típicos de uma sociedade.⁷² Entretanto, Clovis Moura coloca que a cultura negra foi, de certa forma, obrigada, durante a escravidão, a transformar não apenas sua religião, mas todos os padrões das suas culturas em uma cultura de resistência social.⁷³ Dessa forma, a classe dominante buscou sempre aculturar o povo negro na tentativa de eliminar sua cultura cooptando e tentando reduzi-la à categoria de folclore.

[...] Tudo isso passou a ser simplesmente folclore. E com isto subalternizou-se o mundo cultural dos africanos e dos seus descendentes. A dominação cultural acompanhou a dominação social e econômica. O sistema de controle social passou a dominar todas as manifestações culturais negras, que tiveram em contrapartida, de criar mecanismos de defesa contra a cultura dominadora. (MOURA, 1994, p. 35)

⁶⁸ Bernardo Joffily é um jornalista brasileiro. Foi editor do portal www.vermelho.org.br de 2002 a 2009. É também autor do atlas histórico brasileiro IstoÉ Brasil 500 anos e da agenda Brasil outros 500.

⁶⁹ Darcy Ribeiro foi um antropólogo, escritor e político brasileiro, conhecido por seu foco em relação aos índios e à educação no país. Suas ideias de identidade latino-americana influenciaram vários estudiosos latino-americanos posteriores. Como Ministro da Educação do Brasil realizou profundas reformas que o levou a ser convidado a participar de reformas universitárias no Chile, Peru, Venezuela, México e Uruguai, depois de deixar o Brasil devido à ditadura militar de 1964.

⁷⁰ RIBEIRO, 1995, p. 204.

⁷¹ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira foi um lexicógrafo, filólogo, professor, tradutor, ensaísta e crítico literário brasileiro. Foi o autor do Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa e membro da Academia Brasileira de Letras.

⁷² FERREIRA, 2001, p. 197.

⁷³ MOURA, 1994, p. 34.

Mesmo com inúmeras tentativas de aculturação como, por exemplo, a tentativa de folclorização da cultura negra, esta resistiu e pode chegar aos dias atuais por meio de atividades desenvolvidas por diversos grupos e pessoas espalhados por todo o país, que dedicam suas vidas na preservação de sua cultura. O advento do “fim da escravidão”, fez com que os quilombos urbanos transformaram-se em “territórios negros” onde suas culturas e costumes eram propagados pelos indivíduos que ali habitavam, em alguns lugares, esses os “territórios negros” acabaram por se transformar em quilombos urbanos, onde também eram difundidas as tradições africanas, ainda que malvistas e de certa forma, “demonizada” pela sociedade e também perseguidas.

Esses lugares sempre foram historicamente falando, considerados como redutos marginais, isso pelo fato da classe dominante desde sempre fazer a ligação da favela com o crime e do favelado, membro participante daquela comunidade, com a criminalidade. Isso por conta da situação socioeconômica, que acaba por impulsionar alguns de seus moradores à criminalidade, sem levar em consideração, o fato de que os escravos e seus descendentes foram abandonados a sua própria sorte após a abolição da escravatura, sem que lhes fosse oferecido nenhuma forma de sobrevivência digna, por conta disso, uma das alternativas postas a estes era a de se sujeitar a criminalidade. Algo comum entre os territórios negros e as favelas, é o alto índice de violência, moradia inadequada, falta de justiça social e o forte e persistente preconceito frente a seus moradores.

Atualmente o Bairro da Liberdade, bem como dois de seus bairros vizinhos, a saber, Camboa e Fé em Deus, têm buscado visibilidade e reconhecimento do seu território como sendo um Quilombo Urbano. A Liberdade se caracteriza por possuir uma grande população remanescente quilombola, oriunda de municípios da região da Baixada Maranhense, principalmente do município de Alcântara/MA.

Com os atos desapropriatórios para instalação da base de lançamentos, em 1980, as tensões sociais afloraram. Da mesma maneira, assistiu-se ao advento de uma identidade étnica, mantidas sob invisibilidade social com suas respectivas territorialidades cognominadas terras de preto, terras de caboclo e terras de santo, até então reconhecidas apenas no plano local, mas não necessariamente registradas. Ao considerar que a noção de etnicidade abrange também uma interação com certa maneira de produzir e de relacionar-se com a natureza, identifica-se essas territorialidades verificando que agrupam uma vasta rede de povoados e

converge para um território étnico determinado.⁷⁴ Silvío Sérgio Ferreira Pinheiro⁷⁵ explica que:

Na maioria das vezes, bairros periféricos das grandes cidades são formados a partir da migração. Expulsos de seu meio, as famílias do interior migram para a capital e acabam por se instalar em terrenos periféricos, desocupados e muitas vezes alagadiços, beira de rio. É o caso de muitos dos moradores palafitados que foram descolados de seus territórios, no caso de Alcântara, muito em função do conflito com o Centro de Lançamento de Foguetes (CLA). Parte deles, vitimados por esse deslocamento, é obrigada a vir para a cidade, no caso São Luís, e passam a morar de forma precária nos bairros da periferia, como foi o caso da Liberdade. (PINHEIRO, 2013, p. 53)

No que se refere ao Centro de Lançamento de Alcântara, Alfredo Almeida relata que no dia 07 de junho de 1999, a Portaria nº 007 do Ministério Público Federal instaurou Inquérito Civil Público para o fim de apurar possíveis irregularidades verificadas na implantação do CLA. Ao considerar que as ações de remanejamento afetam as comunidades negras rurais, remanescentes de quilombo, essa Portaria preconiza providências no sentido de verificar a existência de estudos relativos às comunidades que se encontram nas áreas destinadas ao CLA, máxime no tocante ao componente étnico.⁷⁶

Explica também que os antagonismos em pauta foram ganhando novos contornos e o grau de contrastividade étnica parece estar aumentando com os desdobramentos do conflito. O processo de territorialização, mantido sob uma invisibilidade jurídico-formal, tornou-se público em polêmicas que se sucedem, ressaltando os elementos de identidade étnica em jogo e envolvendo a aplicação do Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias - ADCT. A identidade de remanescentes de quilombos passou a caracterizar a interlocução com os organismos governamentais, demonstrando outras dimensões assumidas pelo conflito.⁷⁷

Segundo o autor, os oito mil e setecentos hectares já desocupados para instalação da primeira fase do Programa Nacional de Atividades Espaciais, onde está o CLA,

⁷⁴ ALMEIDA, 2006, p. 26.

⁷⁵ Doutorando e Mestre em Ciências Sociais - Política pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Especialista em Sociologia das Interpretações do Maranhão: povos e comunidades tradicionais, desenvolvimento sustentável e políticas étnicas pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Graduado em Administração. Servidor Público Federal do Ministério da Saúde, com exercício na UFMA. Atuação nos seguintes temas: gestão, planejamento, política, Estado, democracia, cidade, movimentos sociais, participação popular, políticas de ações afirmativas.

⁷⁶ ALMEIDA, 2006, p. 35.

⁷⁷ Idem, p. 36.

corresponde à parte significativa das terras tradicionais das comunidades quilombolas do município de Alcântara. Dali foram retiradas 32 comunidades, realocadas em sete agrovilas, num formato que tem comprometido a lógica tradicional a partir da qual estruturam suas relações sociais, produtivas e ambientais e, por consequência, as relações entre as comunidades realocadas e as demais, com as quais mantêm laços de parentesco e forte relação de interdependência.⁷⁸

A mobilização social dessas comunidades tem na perícia antropológica um de seus principais trunfos, símbolo da conquista do direito à justiça, ao território tradicional, à visibilidade pública de sua realidade e de suas visões de mundo. A saga das comunidades negras rurais de Alcântara traduz, num outro espectro, a luta de várias minorias e movimentos sociais para transpor as fronteiras das injustiças e desigualdades que assolavam e, em alguns casos, ainda assolam o país, impondo aos seus protagonistas um isolamento da realidade nacional. Essas minorias e movimentos sociais começam a ter destaque a partir dos anos 90, quando o Brasil passa a experimentar os frutos de um novo Estado de direito, advindo da Constituição Cidadã de 1988 e do fortalecimento das instituições democráticas. (ALMEIDA, 2006, p. 39)

A Liberdade é apresentada como um bairro negro, a partir desse fato, há uma coexistência de percepções referente a uma comunidade quilombola ou um quilombo urbano. Mas qual a definição de um quilombo urbano, que características permitem identificar o bairro como tal? E ainda, como a própria população se expressa e se identifica com esse reconhecimento?

Sobre isso, Alfredo Almeida escreve que, no estado atual de conhecimento se percebe os quilombolas menos como conceito, sociologicamente construído, do que através de uma definição jurídico-formal historicamente cristalizada.

[...] Está-se diante de um ato dissimulado de imposição, que precisa ser colocado em dúvida e classificado como arbitrário para que se possam alcançar as novas dimensões dos significados atuais de quilombo e de seus instrumentais interpretativos [...] Exatamente um século e cinco meses após a abolição formal da escravatura a figura do quilombo é reintroduzida no repertório das disposições legais. A Constituição da república Federativa do Brasil, promulgada em 05 de outubro de 1988, consoante o Art. 68 do ato das disposições transitórias, assevera o seguinte: “Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando

⁷⁸ Idem, p. 37.

suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (ALMEIDA, 2011, p. 42).

Para Ana Valéria Lucena Lima Assunção⁷⁹, contrariando a visão temporal, o quilombo passa a representar na contemporaneidade, um sentido de resistência, que não é somente físico, muito menos está restrito ou atrelado ao passado.⁸⁰

Movimentos de Resistencia Negra são comuns no Brasil desde a escravidão. Joffily destaca que os movimentos de resistência dos escravos marcam a história do Brasil, em nível só superado apenas pelo Haiti. A resistência negra ao sistema escravista pode ser observada ao longo de toda a história brasileira.⁸¹

A forte repressão não foi suficiente para fazer com que os negros viessem a aceitar o sistema escravista de forma pacífica, como a história por décadas tentou fazer com que acreditássemos. Darcy Ribeiro acentua que as lutas mais longas e mais cruentas que se travaram no Brasil foram a resistência indígena secular e a luta dos negros contra a escravidão, que duraram os séculos do escravismo. Tendo início quando começou o tráfico, só se encerrou com a abolição.⁸²

Durante as rebeliões, geralmente, os escravos matavam os senhores e suas famílias, os feitores e os capitães-do-mato e incendiavam as fazendas e plantações. As fugas coletivas eram mais frequentes por confundir os caçadores de escravos. A forma menos violenta de resistência era manter baixa a produção, trabalhando num ritmo lento. (RIBEIRO, 1995, p. 222)

A quilombagem foi a principal forma de resistência contra o sistema escravista, elas acabavam por acarretar em bastantes prejuízos e preocupação aos senhores e às autoridades portuguesas- *assombrados com o fantasma do haitianismo- um “mau exemplo”*

⁷⁹ Mestrado em Cartografia Social e Política da Amazônia. É especialista em Gênero e Diversidade na escola na UFMA e em Educação do Campo na Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Possui Licenciatura em Educação Artística pela Universidade Federal do Maranhão (2014) e Geografia pela Universidade Estadual do Maranhão (2003). Atualmente é professora da Fundação da Criança e do Adolescente do Estado do Maranhão FUNAC/MA. É integrante do Grupo de Pesquisa Investigações Pedagógicas de Estudos Afro-brasileiros - GIPEAB da Universidade Federal do Maranhão - UFMA / FATUMBI: Núcleo de Performance, Memória e Religiosidades-UEMA. Atualmente é professora da Fundação da Criança e do Adolescente, professora, é tutora a distância da Universidade Estadual do Maranhão do curso Licenciatura em geografia da Universidade Estadual do Maranhão e professora da Secretaria de Estado do Maranhão. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Investigações Pedagógicas de Estudos Afro-brasileiros - Gipeab, atuando principalmente nos seguintes temas: escola, religião afro e preconceito.

⁸⁰ ASSUNÇÃO, 2017, p.15.

⁸¹ JOFFILY, 1999, p. 20.

⁸² RIBEIRO, 1995, p. 219-220.

para os outros escravos, pondo em risco as bases que sustentavam o escravismo colonial. (JOFFILY, 1999, p. 23)

Ficando assim evidente que a repressão foi sempre a condição para a permanência do sistema escravista. À parte esses tormentos rotineiros e regulares, há memórias de sadismos inconcebíveis: a castração, a destruição de dentes a marteladas, a amputação de seios, o vazamento de olhos, a marca na cara com ferro em brasa, a queimadura com lacre ardente. Registram-se casos de escravos emparedados vivos, afogados, estrangulados. Em Pernambuco houve casos de escravos arremessados vivos às caldeiras ou passados na moenda. (FREITAS, 1984, p. 25-26)

No entanto, apesar de toda sua luta a população negra herdou dos tempos da escravidão e das teorias de embranquecimento e superioridade racial, o peso do racismo que resiste até nossos dias, algumas vezes deforma sutil e até inconsciente, em outras deformas nítidas e violentas.

À opressão do escravismo juntou-se o pseudo-cientificismo de filósofos, cientistas, teólogos e historiadores. Os preconceitos contra os negros consolidaram-se como ideologia- hoje estendida também aos pobres. A própria teoria da evolução das espécies e a sobrevivência dos mais aptos, de Charles Darwin (1809-1882), um notório antiescravista, foi deturpada para servir ao sistema. Os escravistas defendiam a tese de que uma das 'espécies humanas' não evoluiu- a 'espécie negra'. Criou-se o 'darwinismo social', que, segundo demonstra o ensaio de Juan Comas para a Unesco, os mitos raciais, nada tem a ver com Darwin. (CHIAVENATO, 1999, p. 75)

Na história recente do Bairro da Liberdade, pode-se perceber uma espécie de ativismo de movimentos que surgem dentro da própria comunidade, em busca do reconhecimento e visibilidade como um território de Quilombo Urbano. Têm-se buscado compreender como se dão as relações, e os desdobramentos que estas tomam, de maneira que os chamados laços sociais se fortalecem resultantes de suas práticas culturais, como por exemplo, o Tambor de Crioula, o Bumba-meu-boi, o Cacuriá, e também as festas religiosas; quer sejam dentro dos terreiros ou não, são utilizadas pelos moradores como instrumento para reforçar uma identidade coletiva.⁸³ Essa formação de uma identidade étnico-racial se dá, portanto, por meio de manifestações religiosas, políticas, culturais, sociais, o que ressalta o sentimento de pertença nos moradores. Portanto, tanto a Liberdade, quanto os bairros ao redor, podem ser considerados como quilombo urbano, visto que possuem as características que definem e conceituam um quilombo urbano.

⁸³ Idem, p. 32.

A territorialidade específica dos bairros Liberdade, Camboa e Fé em Deus podem ser observadas por meio de uma rede de relações sociais que se instituem entre seus moradores, territorialidades estas que são formadas por meio de práticas e costumes que os conectam aos seus ancestrais de áreas quilombolas. Assim, o que alguns moradores pensam ser um “quilombo urbano”, não se restringe a um bairro somente, há outros princípios de organização social, as relações de afinidade.

Os problemas relatados por eles fizeram muitas pessoas se reunirem e se ajudarem em momentos de dificuldades similares, no mesmo sentido, as territorialidades podem ser percebidas pelas constantes relações mantidas com seus lugares de origem, e notadamente pela disposição dessas pessoas pelos bairros (ASSUNÇÃO, 2017, p. 53).

As vivências, e relações sociais, sejam de amizade, parentesco, solidariedade, compadrio, políticas e essencialmente religiosas, são percebidas tanto na Liberdade, como em Fé em Deus e Camboa, áreas estas, que já são denominadas de Liberdade Quilombola, por moradores e ativistas que militam nesta causa e são favoráveis à junção dos bairros, visto que as semelhanças entre eles se sobrepõem às diferenças.

5. CONCLUSÃO

Com base em todo conteúdo abordado ao longo desse estudo, pode-se dizer que São Luís é uma cidade em constante expansão populacional e tem o Bairro da Liberdade como de seus bairros mais antigos, que surge em meio ao processo migratório de várias famílias à cidade de São Luis em busca de melhores condições de vida a partir da implantação do Matadouro Municipal nas proximidades das margens do Rio Anil e da Estrada de Ferro. Antes de ser conhecido como Bairro da Liberdade, fora chamado de Campina do Matadouro devido a construção neste território do Matadouro Modelo de São Luís, no ano de 1918.

De acordo com informações contidas no Censo Demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), constata-se que o Bairro da Liberdade tem uma população onde boa parte desta se autodeclara enquanto preta/parda. Isso colabora para com a formação de estigmas sociais, decorrentes principalmente da violência, como é também relatado por alguns entrevistados, entretanto, o Bairro da Liberdade também se apresenta como um território de grande significado para a cultura popular da cidade, e um bom lugar de se morar, segundo relato de alguns moradores.

O bairro é marcado por diversos grupos, brincadeiras folclóricas, associações culturais, que, de certa forma, também contribuem para com a expressão do papel exercido pela população remanescente quilombola, onde boa parte desta advém de municípios da Baixada Maranhense.

Um dos principais responsáveis pela formação do Bairro da Liberdade foi justamente o processo de industrialização da cidade de São Luis, mesmo que sem uma infraestrutura adequada, culminando com o caráter retrogrado espacial e urbano da cidade de São Luis, tendo sua organização espacial de seu território urbano definido enquanto periferia e centro. Isso de certa forma contribui para com a definição do lugar dos indivíduos que são postos à margem da sociedade e da organização dos princípios constitucionais como moradia, saúde, segurança e dignidade.

As relações sociais percebidas através de estudos mais atuais configuram o Bairro como sendo território de Quilombo Urbano, e tem-se buscado configurar a área que compreende a Liberdade, Camboa e Fé em Deus, como apenas um bairro, denominado de Liberdade Quilombola, devido à dificuldade em determinar os limites de cada bairro, mas também por levar em consideração as similaridades apresentadas entre os três bairros em questão nos seus processos de formação.

Mesmo que a repressão e exclusão tenha sido uma constante nos bairros Liberdade, Camboa e Fé em Deus, reivindicar o quilombo urbano passa, então, a significar, um tipo particular de experiência cujo alvo é a valorização das inúmeras formas de recuperação da identidade positiva em direção a um desejo de tornar-se cidadão de direitos e deveres. *Muito mais que ressignificar o termo quilombo, eles têm buscado a discussão da categoria identidade por meio de formações políticas que ocorrem em variados eventos e tem refletido em posicionamentos claros de afirmação de sua identidade negra.* (ASSUNÇÃO, 2017, p. 42).

O pertencer requerido por eles está explícito nos eventos culturais, na religiosidade e em suas festas, principalmente, na manutenção das relações entre seus ascendentes e descendentes. Dessa maneira, *falar sobre o “quilombo urbano” consiste em discorrer sobre a história, a religiosidade, a cultura dessa comunidade, suas crenças, saberes, trajetórias e, especialmente, sua vivência frente à negação de direitos que os mobiliza para lutas renovadas por direitos étnicos e territoriais.* (ASSUNÇÃO, 2017, p. 44).

Assim, pode-se pensar na identidade étnica como elemento central de um grupo mobilizado. E, ainda que os agentes sociais não tenham reivindicado o território legalmente, a noção de pertencimento é forte entre eles.

Todo povo que vive ali tem uma história para contar (Trecho da Música tema do Carnaval 2017, do Bloco Tradicional Os Reis da Liberdade, com a temática Liberdade, um quilombo a céu aberto, que deu a estes o título de campeões).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo W. B. **Nas bordas da política étnica: os quilombos e as políticas sociais. Boletim Informativo do Nuer: Territórios quilombolas: reconhecimento e titulação das terras**, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 15-57, 2005.

_____. **Os quilombolas e a base de lançamento de foguetes de Alcântara: laudo antropológico**. Brasília: MMD, 2006.

_____. **Quilombos e as novas etnias**. Manaus: UEA, 2011.

AMARAL, José R. **O Maranhão Histórico**. São Luís: Instituto Géia, 2003.

ASSUNÇÃO, Ana Valéria Lucena Lima. **Quilombo urbano - Liberdade, Camboa e Fé em Deus: identidade, festas, mobilização política e visibilidade na cidade de São Luís, Maranhão**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia, Universidade Estadual do Maranhão, 2017.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRAGA, Ruy. **A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista**. São Paulo: Boitempo, 2012.

CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CHIAVENATO, Júlio José. **O negro no Brasil- da senzala à abolição**. São Paulo: Moderna, 1999.

CORRÊA, Teresa Helena Oliveira. **Expansão e evolução socioeconômica do bairro da Liberdade**. Monografia (Bacharel em Geografia). São Luís: UFMA, 2004.

DOLLFUS Olivier, **O espaço geográfico**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

FERNANDES, Edésio. **Direito urbanístico e política urbana no Brasil: uma introdução**. Belo Horizonte: Del Rey, 2001.

FERREIRA, Luiz A.; BRAGA, Francinete S. **Formação dos Quilombos Urbanos: Uma Análise dos deslocamentos da África para o Brasil**. 9 f. Revisão de Literatura, 2010.

FREITAS, Décio. **Palmares- A Guerra dos Escravos**. 5.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto,1994.

GISTELINK, Frans. **Carajás: usinas e favelas**. São Luís, 1988.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução Mathias Lambert. Data da digitalização: 2004. Data da Publicação Original: 1963.

GOMES, J. T. P. **Síntese Histórica da Formação Urbana de São Luís**. Revista FIPES, São Luís, n. 2, v. 3, p. 17-25, jul/dez, 1988.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. 2. Ed. Presses Universitaires de France. Paris, França, 1968.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. **Vínculos territoriais? Discussão teórico-metodológica para o estudo das territorialidades locais**. GEOGRAPHIA (UFF), v. 19, p. 1-13, 2017.

IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 26/05/2018.

JOFFILY, Bernardo. **Isto é, Brasil 500 anos- Atlas Histórico**. São Paulo: Grupo de Comunicação Três S/A, 1999.

LACROIX, Maria de Lourdes L. **A fundação francesa de São Luís e seus mitos**. 3. Ed. São Luís: Editora UEMA, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão. 5ª ed. – Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

LOPES, Nei. **Novo Dicionário Bantu do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

MARICATO, Ermínia. **O impasse da política urbana no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes. 2011.

MARX, Karl. **Introdução à Crítica da Economia Política**. p. 109-131, 1857.

MELO, Ligia. **Direito à moradia no Brasil: política urbana e acesso por meio da Regularização Fundiária**. Belo Horizonte: Fórum, 2010.

Moura, Clovis. **A história do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1994.

MOURA, Rosa; ULTRAMARI, Clovis. **O que é periferia urbana**. São Paulo: editora Brasiliense, 1996.

PINHEIRO, Sílvio S. F. **Palafitas serão apartamentos: concepções, mecanismos e limites da participação popular no PAC Rio Anil no bairro da Liberdade, em São Luís do Maranhão.** Dissertação de Mestrado – PUC/SP. São Luís, 2013.

POLLAK, Michel. **Memória e Identidade Social. Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, Vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO JUNIOR, J. R. B. **Formação do espaço urbano de São Luís: 1612-1991.** São Luís: Ed. do Autor / FUNC, 2001.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Moradias nas cidades brasileiras.** 6.ed. São Paulo: Contexto, 1996.

SANTOS, A. M. B. **Participação: estratégia de fortalecimento das organizações comunitárias na Vila Embratel.** Monografia (Graduação em Serviço Social). São Luis: UFMA, 1989.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **Selvagens, exóticos, demoníacos: ideias e imagens sobre uma gente de cor preta.** Estudos Afro-asiáticos, 2002, v. 24, n. 2, p. 275-289. ISSN 0101-546X.

SILVA, A. L. D. **De Matadouro a Liberdade: a formação histórica - cultural de um bairro de São Luís.** Monografia (Graduação em História). São Luis: UFMA, 1997.

SILVA, Célia Regina Duarte. **Estudo Geográfico funcional da geoface Liberdade.** Monografia (Bacharel em Geografia). São Luís: UFMA, 1997.

ANEXOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA – MORADORES ANTIGOS

“Quando nós repartimos nossas histórias com os outros celebramos nossa parte mais humana – ofertamos a nossa história como presente”.

Vera Rosenbluth

1. Qual seu nome completo?

Matias José de Oliveira

2. Qual sua idade?

69 Anos

3. Qual seu grau de escolaridade?

Ensino Superior Completo

4. Qual sua naturalidade?

Natural de São Luis

5. De que cor você se declara?

Pardo

6. Há quanto tempo você mora no Bairro da Liberdade?

69 Anos

7. Por que escolheu a Liberdade para residir?

Vim com os meus pais e à medida que crescia percebi que era interessante ficar por aqui por causa das facilidades.

8. Você passou pelo momento de transição do nome do Bairro de Matadouro para Liberdade? Se sim, me conte um pouco sobre este momento.

Passei sim e lembro bem. Foi na época do prefeito Cafeteira, na época eu tinha uns 15 anos eu acho. Antes tinha o Matadouro, a Estrada de Ferro que era lá onde hoje é a Avenida Luis Rocha, o gado vinha de trem e ia sendo tocado pelos funcionários do Matadouro e lá teria o abate. Aqui não tinha asfalto, não tinha nada. Nesse tempo já tinha até bastante morador, mas, com a vinda do Matadouro, muita gente foi invadindo.

9. Você já sofreu alguma espécie de preconceito por morar no Bairro da Liberdade?

Não.

10. Conte-me um pouco da sua experiência como morador (a) do Bairro da Liberdade.

Naquela época era muito tranquilo, o que eu acho ruim é que piorou a questão da violência. Mas, eu me dou bem aqui, gosto de morar na Liberdade, não tenho do que reclamar.

ROTEIRO DE ENTREVISTA – MORADORES ANTIGOS

“Quando nós repartimos nossas histórias com os outros celebramos nossa parte mais humana – ofertamos a nossa história como presente”.

Vera Rosenbluth

1. Qual seu nome completo?

Valber dos Santos Pereira Reis

2. Qual sua idade?

72 Anos

3. Qual seu grau de escolaridade?

Ensino Médio Completo

4. Qual sua naturalidade?

Natural de São Luis

5. De que cor você se declara?

Pardo

6. Há quanto tempo você mora no Bairro da Liberdade?

72 Anos

7. Por que escolheu a Liberdade para residir?

Meus pais vieram para cá e eu nasci aqui, depois não achei outro lugar para ir. Gosto demais de morar aqui! É perto de tudo e tem muito emprego.

8. Você passou pelo momento de transição do nome do Bairro de Matadouro para Liberdade? Se sim, me conte um pouco sobre este momento.

Passei sim, foi na época do Cafeteira, nessa época tinha o Matadouro e tinha uma Igreja lá perto, que eu ajudei a construir ainda no início do bairro.

9. Você já sofreu alguma espécie de preconceito por morar no Bairro da Liberdade?

Não.

10. Conte-me um pouco da sua experiência como morador (a) do Bairro da Liberdade.

Não acho que tenha mudado nada depois de trocar o nome. Só ficou violento, mas, a Liberdade é boa demais de se morar porque é perto do Centro e aqui vende tudo. Até para conseguir emprego é fácil.

ROTEIRO DE ENTREVISTA – MORADORES ANTIGOS

“Quando nós repartimos nossas histórias com os outros celebramos nossa parte mais humana – ofertamos a nossa história como presente”.

Vera Rosenbluth

1. Qual seu nome completo?

Zuila Mendes Gaspar

2. Qual sua idade?

77 Anos

3. Qual seu grau de escolaridade?

Ensino Fundamental Incompleto

4. Qual sua naturalidade?

Natural de São Vicente Ferrer

5. De que cor você se declara?

Parda

6. Há quanto tempo você mora no Bairro da Liberdade?

60 Anos

7. Por que escolheu a Liberdade para residir?

Meu marido já trabalhava aqui, aí quando casamos, nós viemos direto para cá. Quando chegamos aqui ainda era Campina do Matadouro. Era grande e tinha um monte de Cajueiros. Onde hoje é a escola Mario Andreazza. Tudo era maré, as casas feitas de taipa.

8. Você passou pelo momento de transição do nome do Bairro de Matadouro para Liberdade? Se sim, me conte um pouco sobre este momento.

Sim.

9. Você já sofreu alguma espécie de preconceito por morar no Bairro da Liberdade?

Nunca.

10. Conte-me um pouco da sua experiência como morador (a) do Bairro da Liberdade.

A Liberdade é perto de tudo, como tenho comércio aqui, gosto muito do lugar, é bem movimentado. Mudou muito com os anos, hoje é mais perigoso e mais movimentado. Eu não trocaria de bairro de jeito nenhum!

ROTEIRO DE ENTREVISTA – MORADORES ANTIGOS

“Quando nós repartimos nossas histórias com os outros celebramos nossa parte mais humana – ofertamos a nossa história como presente”.

Vera Rosenbluth

1. Qual seu nome completo?

Luiza Amélia dos Santos Carvalho

2. Qual sua idade?

60 Anos

3. Qual seu grau de escolaridade?

Ensino Médio Completo

4. Qual sua naturalidade?

Natural de Alcântara

5. De que cor você se declara?

Parda

6. Há quanto tempo você mora no Bairro da Liberdade?

59 Anos

7. Por que escolheu a Liberdade para residir?

Eu era criança e meu pai veio de Alcântara para cá, porque já conhecia muita gente. Aí ele veio construir uma casa e depois mandou buscar a gente em Alcântara. Nunca morei em outro lugar.

8. Você passou pelo momento de transição do nome do Bairro de Matadouro para Liberdade? Se sim, me conte um pouco sobre este momento.

Sim, passei.

9. Você já sofreu alguma espécie de preconceito por morar no Bairro da Liberdade?

Sim, já sofri, meus filhos também. Ainda mais por sermos negros.

10. Conte-me um pouco da sua experiência como morador (a) do Bairro da Liberdade.

Toda a área era maré, quase não tinha residências, depois com o tempo foi chegando muito morador. Eu sentava na beira da maré para pescar, brincar, era bom. Conheci muita gente que trabalhou no Matadouro. Aqui perto tinha um poço, era lá que a gente pegava água. O trem passava aqui na porta. Aí abriram a Escola Estado do

Pará, que foi a primeira escola do bairro e desativou a estrada de ferro. Eu gosto tanto do meu bairro que só quero sair daqui quando morrer.